

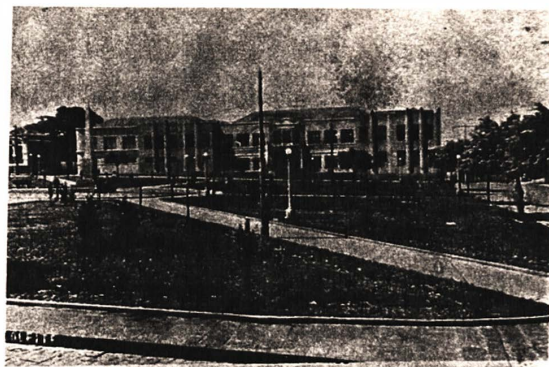
AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

BETÂNIA RÉGIA DOMINGOS



ESCOLA NORMAL: HISTÓRIA E MEMÓRIA DE MULHERES - UBERLÂNDIA - ANOS 60



01770-ESCOLA NORMAL: HISTÓRIA E MEMÓRIA DE UBERLÂNDIA
DE 2000

Autor: BETANIA REGIA DOMINGOS

Trad.: ///

Edit.: UFU
UBERLÂNDIA

MG

2 exs.

S (1) m

BETÂNIA RÉGIA DOMINGOS

**ESCOLA NORMAL: HISTÓRIA E MEMÓRIA DE
MULHERES - UBERLÂNDIA - ANOS 60**

**Monografia apresentada como
exigência para conclusão do
curso de Bacharelado em
História, à Universidade Federal
de Uberlândia, sob a orientação
da Prof^a . Dr^a Vera Lúcia Puga
de Sousa.**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
JULHO DE 2000**

Banca Examinadora

Prof^ª Dr^ª Vera Lúcia Puga de Sousa

Prof^ª Ms. Dulcina Tereza Bonati Borges

Prof^ª Ms. Giselda da Costa Silva Simonini

À Iorides e Helvécio, meus pais,
que me ensinaram a amar a vida e
lutar pelos meus ideais.

Ao Bruno, Valtemes e Cristiane,
com muito carinho!

MULHERES DE ATENAS

“Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas
Vivem pros seus maridos, orgulho e raça de Atenas
Quando amadas, se perfumam
Se banham com leite, se arrumam
Suas melenas
Quando fustigadas, não choram
Se ajoelham, pedem, imploram
Mais duras penas
Cadenas
Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas
Sofrem pros seus maridos, poder e força de Atenas
Quando eles embarcam, soldados
Elas tecem longos bordados
Mil quarentenas
E quando eles voltam sedentos
Querem arrancar, violentos
Carícias plenas
Obscenas
Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas
Despem pros seus maridos, bravos guerreiros de Atenas
Quando eles se entopem de vinho
Costumam buscar carinho
de outras falenas
Mas no fim da noite, aos pedaços
Quase sempre voltam pros braços
De suas pequenas
Helenas
Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas
Geram pros seus maridos os novos filhos de Atenas
Elas não tem gosto ou vontade
Nem defeito nem qualidade
Têm medo apenas
Não têm sonhos, só presságios
O seu homem, mares, naufrágios
Lindas serenas
Morenas
Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas
Temem por seus maridos, heróis e amantes de Atenas
As jovens viúvas marcadas e as gestantes abandonadas
Não fazem cenas
Vestem-se de negro, se encolhem
Se conformam e se recolhem
Às suas novenas,
Serenas
Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas
Secam por seus maridos, orgulho e raça de Atenas”

(Chico Buarque e Augusto Boal)

AGRADECIMENTOS

Expresso aqui meus agradecimentos a todos aqueles que, colaboraram participando de alguma forma, da conquista desse trabalho.

Aos meus pais, que sempre estiveram presentes em minha vida oferecendo conforto nos momentos de sofrimentos e partilhando com alegria as minhas conquistas. Agradeço por tudo que nos une.

Ao *Valtemes*, pessoa que tanto amo, por estar sempre ao meu lado, dando-me força e esperança para continuar lutando, e principalmente por me compreender e apoiar nas horas difíceis.

Ao *Bruno*, meu irmão, que reclamava, mas compreendia a razão do meu isolamento, tão necessário para a elaboração desse trabalho, foi um período que só fez fortalecer ainda mais a nossa amizade.

Muitas amizades foram conquistadas pelo caminho, porém uma delas me fez perceber o significado de cumplicidade e solidariedade. À *Cristiane*, minha irmã de coração, agradeço pela força e o companherismo.

À *Vera* pelas orientações precisas, pela atenção dada e confiança em mim depositada nesse momento tão importante da minha vida acadêmica, ajudando-me tornar uma pessoa mais confiante.

À *Dulcina* e à *Giselda* por terem aceito tão prontamente o convite para fazerem parte da banca. A todos os professores do Departamento de História e à Coordenação do Curso, assim como os funcionários, especialmente ao *João*, à *Gleide*, e à *Gleydes* pelos tantos favores prestados.

Às entrevistadas, *Djanira*, *Heloisa*, *Lucimar*, *Marilene*, *Marlene*, *Rosa Maria* e *Vera*, pelo tempo que dispuseram doando suas memórias, tão importantes para o enriquecimento desse trabalho. Ao acolhimento do Colégio Nossa Senhora que abriu espaço para a nossa pesquisa e ao Arquivo Público Municipal, por prestarem um serviço sério e competente.

A todos, os meus sinceros agradecimentos.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO I	13
CIDADE E EDUCAÇÃO: DESENVOLVIMENTO SOCIAL E PROJETOS POLÍTICOS	
CAPÍTULO II	37
A PREPARAÇÃO DA NORMALISTA EM MEIO AO COTIDIANO EDUCACIONAL E SOCIAL	
CAPÍTULO III	64
PROFESSORA: UMA “SAÍDA” PROFISSIONAL? QUESTÕES SOBRE GÊNERO EM NOSSA SOCIEDADE	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
FONTES.....	87
BIBLIOGRAFIA.....	89
ANEXOS.....	93

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de uma pesquisa, que apesar de suas deficiências, se mostrou muito instigante durante suas etapas de elaboração. Em meio ao vasto campo que a História nos oferece para pesquisas em diferentes abordagens, escolhemos trabalhar com a Escola Normal em Uberlândia durante a década de 1960. Escolhemos este período devido à riqueza cultural dos movimentos sociais e transformações que geraram nesses anos. Percebemos que tratava-se de um momento permeado de muitas controvérsias, por um lado, todo um conjunto de regras e reafirmação dos valores morais e por outro lado, as tentativas de “libertação” dos jovens imersos nessas normas que se faziam tão rígidas.

Utilizamos como principal objeto de estudo o *Colégio Nossa Senhora* de Uberlândia afim de construir parte da história das mulheres que faziam o curso Normal naquela instituição. Tratava-se de um colégio religioso e elitista que preparava as moças da “nata” da sociedade para serem perfeitas esposas e mães, muito mais do que professoras primárias. Possuía os regimes de externato, semi-internato e internato, possibilitando assim, um grande número de documentos sobre o colégio, principalmente aqueles que regiam a disciplina - a punição, o prêmio, e o vigiar - constante nas normas às quais as alunas estavam submetidas.

Para a elaboração deste trabalho contamos com fontes orais, documentos oficiais da escola, periódicos como o “*Correio de Uberlândia*” da década de 60 e bibliografia temática, além de fundamentos teóricos relativos ao assunto.

Durante a pesquisa no colégio, além dos regimentos, encontramos o histórico da entidade, as normas para o internato e o externato, uma apostila sobre a Semana da Normalista além de um vasto material avulso, como por exemplo, avisos, modelos

de uniformes e listas das formandas. Os jornais, pesquisados no Arquivo Público Municipal de Uberlândia, foram de grande contribuição, pois através deles pudemos fazer a ligação entre a escola e a sociedade local e como esta se mostrava frente as transformações nacionais e mundiais. Coletamos assuntos sobre *normas sociais, educação, papéis masculinos e femininos, moral e sexualidade*.

Por fim, recorreremos às fontes orais, onde realizamos entrevistas com ex-alunas do Colégio Nossa Senhora que ainda trazem na memória o rígido cotidiano escolar, a saudade das amigas que se perderam pelo caminho, declarando uma nostalgia positiva ao relembrar a sociedade da época (os bailes, os desfiles de moda, as viagens...), onde: *“A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.”*¹

As entrevistas foram essenciais para o desenvolvimento desse trabalho, uma vez que, através delas pudemos reconstruir o cotidiano do colégio e da sociedade da época. Por se tratar de “memória” não pudemos esquecer que são possibilidades de leituras do passado e portanto há *registros*, semelhantes ou não, sobre o mesmo assunto.

Mesclando essas fontes com as teorias nos foi possível construir este trabalho, dividindo-o em três capítulos. No primeiro - **Cidade e Educação: desenvolvimento social e projetos políticos** - procuramos pensar fatos sociais,

¹ NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. (tradução Yara Aun Khoury). In: Projeto História. São Paula: nº 10, dez\1993, p. 09.

econômicos, políticos e educacionais que marcaram a memória coletiva da sociedade a fim de nos situarmos dentro dos anos 60. Acompanhando esses fatos, fizemos uma abordagem da história de Uberlândia e do Colégio Nossa Senhora, sem nos esquecer de algumas questões educacionais importantes, como por exemplo a LDB de 61.

No segundo capítulo, “**A preparação da normalista em meio ao cotidiano educacional e social**”, tentamos verificar o currículo obrigatório e as disciplinas ligadas a preparação das futuras esposas e mães da sociedade uberlandense, mostrando o quanto era restrito a escolha de cursos, sejam eles secundário ou superior para as mulheres da época. Procuramos descrever o cotidiano do colégio na expectativa de mostrar como que as normas faziam “docilizar” as alunas a fim de reafirmar o papel da mulher na sociedade.

Já no terceiro e último capítulo, (**Professora: uma “saída” profissional? questões sobre gênero em nossa sociedade**) achamos coerente verificarmos as opções profissionais que as ex-alunas, entrevistadas por nós, tiveram durante suas vidas. Por estarmos fazendo a história dessas mulheres, relacionando-as com as condições masculinas, e assim achamos importante ressaltar questões sobre gênero.

Nos anos 60 os estudos a respeito de gênero era restrito, e por isso trata-se de uma categoria nova de análise histórica. Assim, resolvemos fazer algumas considerações sobre o movimento feminista, que foi precedente a este novo campo historiográfico. Relacionamos algumas conquistas femininas com a vida e a sociedade uberlandense, verificando o quanto que mulheres de cidades interioranas, como a nossa, criadas com fortes padrões religiosos e morais ainda conseguiram

entrar, seja como professoras ou não no espaço público.

Formar *professoras primárias* fazia parte dos objetivos do colégio, muito embora fosse claro que essas alunas, por pertencerem a classe alta da cidade, não iriam se dispor a dar aulas para crianças. Através das entrevistas observamos que realmente foram poucas as que se dedicaram a essa docência específica. Assim, a alternativa mais coerente, seria transformarem-se em professoras universitárias.

Em resumo, o que tentamos fazer foi entrar no “mundo” das normalistas da década de 60, que apesar de boas condições financeiras, esbarraram, como todas as outras mulheres, numa sociedade excludente e que usava o poder em todas as suas esferas, onde a “construção” do social possui fortes alicerces na mentalidade de homens e mulheres.

CAPÍTULO I

CIDADE E EDUCAÇÃO: DESENVOLVIMENTO SOCIAL E PROJETOS POLÍTICOS

“Uberlândia cidade ainda nova, cidade bonita e já bem populosa, andava inquieta e preocupada, ávida de dar a seus filhos uma Educação Cristã aprimorada.”*

Os anos 60 marcaram a História do mundo ocidental nos aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais, provocando mudanças profundas no imaginário social. Momento em que aflorou a rebeldia dos jovens, onde muitos destes já questionavam o casamento, a sexualidade e o papel da mulher na sociedade. Nos Estados Unidos da América surgem os hippies e o rock, eram na sua maioria jovens, que sonhavam quebrar a ordem cultural estabelecida inaugurando um novo conceito: a Contracultura.

“Inicialmente, o fenômeno é caracterizado por seus sinais mais evidentes: cabelos compridos, roupas coloridas, misticismo, um tipo de música, drogas e assim por diante. Um conjunto de hábitos que, aos olhos das famílias de classe média, tão ciosas de seu projeto de ascensão social, parecia no mínimo um despropósito, um absurdo mesmo. Rapidamente, no entanto, começa a ficar mais claro que aquele conjunto de manifestações culturais novas não se limitava a estas marcas superficiais. Ao contrário, significava também novas maneiras de pensar, modos diferentes de encarar e de se relacionar com o mundo e com as pessoas.”²

* Histórico do Colégio Nossa Senhora.

² PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **O que é Contracultura**. 8ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1992, p.8.

O movimento da Contracultura, como observado, englobou vários setores da sociedade, inclusive acadêmicos. Tivemos neste período a criação das “Universidades Livres”, as outras formas de conhecimento como por exemplo o reconhecimento, por parte destes, da cultura oriental. Eram pessoas que lutavam contra a guerra do Vietnã, a questão do preconceito racial, a sociedade competitiva, o individualismo, enfim, era a negação do sujeito enquadrado no sistema.

Outra característica marcante da sociedade norte americana foi a perseguição aos comunistas, período denominado de “Caça às bruxas” que iniciou antes da década de 60 (com a guerra fria) e só foi extinguido em 1975.

“Foram tempos de instantes inesquecíveis e terríveis.: personalidades sem militância política eram acusados de comunistas, outros, amedrontados ou de extrema direita, denunciavam seus companheiros de trabalho, às vezes até para defenderem a si próprios. Figuras essenciais da criação cinematográfica da época, inclusive estrangeiros que haviam passado a residir nos Estados Unidos fugindo da violência fascista na Europa, optaram, depois de interrogados e agredidos, pelo exílio, deixando o país.”³

A preocupação não era perseguir o cidadão comum nas fábricas, como em outros países. Nos Estados Unidos o campo de perseguição foram as universidades, escolas, editoras, cinemas, teatro, pois a influência ideológica destes no restante da sociedade era perigosa para a classe dominante. Apesar deste momento representar um conjunto de grandes possibilidades e propício a uma revolução, isso não ocorreu,

³ CULTURA VOZES N.º 4. Julho-Agosto, 1997, p.169.

pois a sociedade queria “trabalho”, “dinheiro”, levar os filhos à faculdade, ou seja, houve uma aceitação da condição de desenvolvimento tecnológico e do próprio capitalismo. A originalidade da década de 60 foi reelaborada pelo capitalismo e incorporada pela indústria cultural, exemplo disso é o tema da ecologia, pois a sociedade hoje veste a camisa em sua defesa, tentando demonstrar uma conduta politicamente correta. A radicalização da ousadia se transformou em sucesso, onde grande parte dos músicos se domesticaram.

Fizemos este rápido levantamento de alguns dos muitos aspectos marcantes na história dos Estados Unidos nos anos 60, pois foi essa “nova forma de viver” que muito influenciou o Brasil. Com o fim da 2ª Guerra Mundial começou a vigorar uma nova ordem mundial (Estados Unidos x URSS), demonstrando um declínio da influência política, econômica e mesmo cultural da Europa. Uma nota sem assinatura no jornal Correio de Uberlândia ilustra o medo e mesmo a postura do Brasil frente aos novos acontecimentos:

“As atividades agressivas e subversivas do comunismo estão cada vez mais próximas dos Estados Unidos. Essa denúncia foi formulada pelo secretário-adjunto da defesa, Sr. Floyd S. Bryat. Por esse motivo há uma necessidade imperiosa de medidas defensivas, destinadas a frustrar os planos expansionistas do comunismo”⁴.

Diante da dualidade: repressão versus rebeldia, perceberemos jovens invadidos por uma insatisfação individual e ao mesmo tempo coletiva e uma vontade de mudar o mundo que não são características apenas da Europa ou dos Estados

⁴ **Comunismo cada vez mais perto dos E.E.UU.** Correio de Uberlândia, 8 e 9\Março\1960. p. 5.

Unidos, país como o Brasil muito sofreu com essa influência:

*“Na aldeia global em que vivemos, também o interior mineiro sofreu influências do mundo inteiro, participou dos sonhos dos milhões de jovens, vestiu roupas coloridas, calças jeans, vestido balão, mini-saia, andou de lambreta e ouviu rock e iê-iê-iê nos radinhos à pilha. Muitos resistiram, sob diversas formas, ao poder constituído.”*⁵

A história do Brasil, no que consiste a economia e a política na década de 60 possui um corte brusco que foi o levante militar, dividindo-a em dois períodos, até 1964 o país viveu o que é tradicionalmente conhecido como “Populismo”⁶ período que se inicia em 1945 e o outro, o pós 64, momento de uma abusiva política militar que só percebe-se um começo de abertura em 1979, com o então Presidente da República, General João Baptista Figueiredo.

Por outro lado, a preocupação com o desenvolvimento do país remonta desde os anos 30, com o nacionalismo usado como suporte ideológico e de legitimação dos projetos econômicos do Estado. A industrialização se abre em um “leque”, começando a produção de bens de consumo duráveis, principalmente no setor automobilístico e produtos de base. Para a industrialização do Brasil se consolidar com o apoio do capital externo, algumas foram as vantagens oferecidas, como por exemplo baixos impostos e mão de obra barata .

⁵ SOUSA, Vera Lúcia Puga. **Entre o Bem e o Mal (Educação e Sexualidade nos anos 60 - Triângulo Mineiro-1960)**. São Paulo: USP, 1991. p.123 (Dissertação de Mestrado).

⁶ O Populismo teve como característica básica a dominação política-ideológica sob as massas, num momento de transição entre a economia agro-exportadora para industrial. Desenvolvido pela burguesia através da atuação de líderes carismáticos que procuravam responder aos desejos populares ,como por exemplo as leis trabalhistas de Vargas. Porém , com essas leis procuravam obter o máximo controle do trabalhador, além de usá-lo como elemento de ataque as antigas oligarquias.

Quando Jucelino Kubistschet, em 1956, assumiu o poder, o país estava em crise, a classe empresarial queria e possuía um projeto industrial, cobrava uma postura do Estado, por outro lado o capitalismo exterior investiu no país e houve assim a “abertura” nacional ao capital estrangeiro. Até o fim de seu mandato em 1961 será a fase da industrialização acelerada, as condições estavam favoráveis, existia capital externo possibilitando os recursos necessários suficientes para a diversificação dos investimentos. Houve um grande crescimento urbano já que a industrialização criou uma massa de trabalhadores em condições de consumir e a situação internacional do capitalismo presenciava a sua fase de “ouro”. O plano de metas de JK propôs, entre outros, a energia elétrica, transportes, alimentação, fortalecimento da indústria de base, formando ao todo 31 metas. O maior legado desse momento foi a construção de Brasília, de um modo mais geral todo o projeto foi alcançado, com exceção dos pontos que consideramos mais importantes para o desenvolvimento do país, a educação, que não obteve quase que nenhuma ajuda do governo, e assim órgãos como SENAI e SENAC tomaram as rédeas da educação brasileira (Cursos Técnicos). Outro setor que ganhou grande ajuda da iniciativa privada foi o da alimentação. Ao fim, os problemas econômicos derivados dessa política desenvolvimentista, foram vários, principalmente o aprofundamento da dívida externa, a inflação e a concentração de renda.

Situação que se agravou com a ditadura militar, pois além da castração dos direitos políticos, do terrorismo, da violência, da censura, houve na economia o aumento da internacionalização e o chamado “milagre da economia brasileira” que causou um grande impacto na sociedade, surgindo a construção da Transamazônica,

a Usina de Itaipu, e a Ponte Rio-Niterói, empreendimentos que ocasionaram na população um sentimento de aprovação pelo momento político. as vezes presente até os dias de hoje. Porém este “milagre”, além de outros prejuízos, só fez aumentar a tensão econômica brasileira.

Todo este período deverá ser pensado juntamente com a questão educacional, uma vez que a escola não é uma instituição isolada do restante da sociedade, muito pelo contrário, ela contribui de forma eficaz não só na formação intelectual como também social e política do cidadão.

Os setores da sociedade brasileira (político, econômico e social) durante a Primeira República trouxe os vestígios do império, diferenciando apenas no final deste período (entre 1920-1929) momento em que o país já se preparava para receber o projeto nacional-desenvolvimentista do Estado Novo. Embora as transformações não tenham ocorrido no Brasil como um todo, a civilização urbano-industrial conseguiu fazer surgir novos padrões culturais, principalmente ao reforçar as idéias de nacionalismo associados ao conjunto de idéias liberais.

Podemos analisar a escolarização como pertencente ao sistema cultural, uma vez que a sociedade brasileira ganha novos padrões e a escola foi um veículo importante para a concretização desse processo. A idéia de se formar um “novo homem brasileiro” através da escola -escolanovismo-, pode ser percebido através do entusiasmo e otimismo que se instaura no Brasil, principalmente a partir de 1920, ocasionando discussões e muitas reformas no sistema de ensino a fim de prepararem o terreno para aplicações de um programa mais amplo de ações sociais, já que a educação estava ligada a problemas de outros setores, geralmente os de origem

política.⁷

Para reforçar a base da nacionalidade brasileira via educação, passa-se a dar ênfase ao ensino da língua pátria, a geografia e a história, além de contar com a ajuda do ensino religioso (moral e ético) que passou a promover um combate ao ensino leigo. Uma lei federal estabeleceu em 1920 a primeira Universidade Federal Brasileira (Universidade Federal do Rio de Janeiro) forçada pela necessidade que o país já impunha, porém trata-se de um ensino “não profissional”, sem a finalidade de elaborar, ensinar e divulgar a ciência (grande anseio da burguesia emergente), assim esta não foi recebida com grandes entusiasmos.

Foi realizado, também na década de 20, a Primeira Conferência Interestadual de Ensino Primário com o objetivo de atacar o analfabetismo impedindo a desnacionalização da infância brasileira. Porém a conferência não produziu os frutos desejados, já que houve falta de recursos financeiros para concretizar os planos. Por parte dos governos Estaduais as tentativas progressistas foram várias na área educacional, porém de forma individual e sem necessariamente fazer cobranças ao governo federal, pois os Estados mais progressistas eram os mesmos que mantinham a “política dos governadores”, mantendo no poder, ora São Paulo ora Minas Gerais.

Em 1948 começou a ser preparado um projeto de reforma geral no sistema educacional que seguiria as marcas deixadas pela Constituição Federal de 18 de setembro de 1946. Porém, a discussão da reforma educacional esbarrava nos interesses políticos, transformando-se em uma guerra entre partidos, o que acabava

⁷ Diante do clima de entusiasmo pela educação no final da Primeira República fica difícil perceber até mesmo os acontecimentos nos setores políticos, econômicos e sociais, já que a educação foi vista como principal fonte para o progresso do Brasil. A este respeito ver: NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU, 1976.

por dificultar sua tramitação, fora claro, os interesses particulares de segmentos privados da igreja.

Até chegar ao projeto de lei 4.024⁸ existiram vários conflitos permeados por questões ideológicas e políticas conforme observou Ivani Catarina:

*“Na verdade, o que estava acontecendo era uma luta iniciada décadas antes. Os aspectos ideológicos eram os mesmo de antes. No fundo era uma investida das lideranças conservadoras contra a ação do Estado, que se separava da igreja, com a proclamação da República, e vinha, desde então, assumindo um papel que cabia a esta, com prioridade da educação”*⁹.

Com a nova lei da educação aprovada, o interesse da maioria da população, que era a defesa da escola pública de qualidade para o cidadão, começou a perder terreno para a iniciativa privada, mesmo que em alguns momentos a discussão se abrisse para os educadores, na maioria das vezes, as decisões eram tomadas pelos políticos. O que de algum modo impediu que o Brasil fizesse a reforma da educação, da qual estava tão carente. O que se percebe é a crescente desobrigação do governo para com a educação. Assim, logo no primeiro artigo da lei a educação é colocada enquanto dever dos pais e não do estado. A este último, não cabia manter a estrutura do sistema educacional. Com a liberdade de ensino, ficou evidente na lei o crescente incentivo para os setores privados, como por exemplo, consta o artigo 31, dispondo sobre o seguinte: *“As empresas industriais, comerciais e agrícolas, em que*

⁸ Referência à LEI N.º 4.024 - de 20 de Dezembro de 1961, (Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional).

⁹ FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Educação no Brasil Anos 60**. O pacto do Silêncio. São Paulo: Edições Loyda, 1985, p.42

trabalhem mais de 100 pessoas, são obrigadas a manter ensino primário gratuito para os seus servidores e os filhos dêsses” .¹⁰ Com autonomia para ministrar o ensino, os empresários davam o direcionamento adequado às suas necessidades. Na grande maioria das vezes a iniciativa privada estava preocupada em formar trabalhadores e não cidadãos.

Tanto na luta da escola pública como da particular a imprensa foi elemento essencial. Em meio ao conflito para a tramitação\aprovação do projeto verificamos a presença e o posicionamento de jornais e revistas em todo o país. Em Uberlândia tivemos várias articulações, através do jornal, de comentários e críticas sobre a LDB. O Correio de Uberlândia divulgou na íntegra o documento feito pelo presidente da UESU (Antônio de Pádua Cunha) no qual ele declarava-se solidário na luta dos colegas de todo o país contra a LDB já que *“representa uma tentativa de setores mais reacionários desta nação, de fazer com que a Educação seja um privilégio das classes mais favorecidas”* ¹¹ Para Cunha, o número de escolas particulares em todo o país era muito maior do que de escolas oficiais e o projeto da Lei de Diretrizes e Bases criava os conselhos estaduais de educação, que através de eleições entre os seus representantes ficavam responsáveis pela administração de verbas e outros assuntos. Logo, estava nas mãos das escolas particulares o futuro da Educação.

Assim como a UESU, a “Loja Maçônica Luz e Caridade de Uberlândia” também fez protesto contra a LDB pois segundo estes a lei *“não satisfaz às*

¹⁰ Lei N.º 4.024, art. 31, 20 de dezembro de 1961.

¹¹ **Estudantes de Uberlândia são contrários: projeto de Diretrizes.** Correio de Uberlândia. Ano XXIII, N.º 8043, 10/Março/60, p. 08.

exigências constitucionais e às necessidades do povo no setor educacional” ¹². Em contrapartida, prestando esclarecimentos aos representantes da imprensa o Ministro Brígido Tinoco assim se pronunciou sobre o projeto de lei da educação nacional:

“A lei de diretrizes e bases de educação nacional é tão necessária quanto complexo e difícil o seu enquadramento às necessidades do país. O povo está sempre a exigir mais e melhor educação, competindo ao Congresso Nacional e ao governo definir os meios e objetivos para prover a educação, que melhor atenda às exigências populares. Quanto à escola pública, só podemos afirmar que é uma conquista democrática no sentido de garantir educação para todos, e esse objetivo é o do governo. Mas essa garantia não pode significar a negação deliberada do ensino. A alternativa entre a escola pública e a escola privada é falsa. As duas instituições podem completar-se e compromissar-se numa tarefa comum e patriótica.” ¹³

A LDB de 61 foi promulgada e a resistência a ela, com o tempo, caiu no esquecimento e muitas águas rolaram desde a sua aprovação. A tendência de se entregar a educação nas mãos da iniciativa particular se fez cada vez mais forte.

Recortando a cidade de Uberlândia, faremos uma retomada no tempo com o propósito de percebermos que trata-se de uma localidade que nasceu em meio a uma forte visão de progresso e desenvolvimento, sabendo mascarar muito bem as crises, sejam elas políticas, econômicas ou sociais.

¹² **Manifesto Maçônico contra “Diretrizes e Bases do Ensino”**. Correio de Uberlândia. Ano XXIII, N.º 922, 3/jul/60, p. 01.

¹³ **Necessita o Brasil de Lei Diretrizes e Bases**. Correio de Uberlândia. Ano XXIV, N.º 9153, 18/Março/61, p. 03.

Em 1892 o vilarejo de São Pedro de Uberabinha é elevado à categoria de cidade, sua preocupação desde cedo foi formar condições para o crescimento urbano e industrial com vistas para o futuro. Primeiramente São Pedro de Uberabinha, depois Uberabinha e finalmente a cidade ganhou o nome de Uberlândia. Nos tempos coloniais dedicou-se a agropecuária e produção de gêneros de primeira necessidade, juntamente com os povoados de Uberaba, Santa Maria, Araguari que juntos complementavam o Triângulo Mineiro, apesar das boas terras, eram a Zona da Mata e Sul que participavam mais efetivamente na economia da província através do café. Assim

“A fase de reconhecimento da região fora feita pelas sucessivas bandeiras que percorreram os sertões da Capitania, durante o ciclo da mineração em busca do ouro, e já era do conhecimento provincial a fertilidade das terras do interior da Província. Neste sentido, esforços foram evidenciados para reativar suas forças produtivas quer seja através da penetração e ocupação do sertão, ou mesmo da diversificação da produção em áreas já descobertas e povoadas”¹⁴.

A intensificação do povoamento em Uberlândia veio logo a seguir, paralelo ao rápido processo de urbanização, possuindo como eixo central o ponto estratégico que ocupava: ligava São Paulo a Goiás e Mato Grosso. Com a construção da Estrada de Ferro Mogiana (1895) e a ponte Afonso Pena (1910) a cidade ganhou o exclusivismo do movimento agrícola e comercial entre estas regiões e o Triângulo

¹⁴ RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. **Trabalho, Ordem e Progresso: Uma discussão sobre a trajetória da classe trabalhadora Uberlandense. - O setor de serviço - 1924 - 1964.** São Paulo: USP, 1989, p.22. (Dissertação de Mestrado)

Mineiro, começando a se evidenciar no cenário nacional. Além da posição geográfica, outro fator foi determinante para o início do progresso em Uberlândia, como evidencia a passagem a seguir:

“O poder político da Oligarquia Uberlandense foi decisivo no que se refere ao traçado inicial da Estrada de Ferro Mogiana. Posteriormente, este mesmo poder, contando com a burguesia comercial, foi fundamental para os contatos entre governos estadual e federal, visando a construção da Ponte Afonso Pena, que ligaria Minas Gerais a Goiás. Desse modo, um importante e rentável comércio acabava de ser integrado ao mercado local”¹⁵.

Percebemos, então, que a perspectiva do Progresso já norteava a história de Uberlândia desde sua criação, onde prática e discurso se confundem a fim de moldar essa sociedade.

Nas décadas de 30 e 40 tivemos uma grande prova do anseio político Uberlandense: cogitavam que a cidade poderia ser a capital da República, isso não foi possível, porém a construção de Brasília muito contribuiu para o progresso de Uberlândia devido as construções das rodovias que por aqui passavam, consolidando sua posição geográfica e fortalecendo-a como pólo comercial regional. A localização da cidade e a vontade de se fazer grande, a torna peculiar como demonstra este depoimento:

“Uberlândia sempre foi uma cidade muito progressista, está sempre na frente em muitas coisas, em muitos aspectos ela não é uma cidade de interior, ela é uma cidade cultural meio

¹⁵ Idem, p. 24

central da região, até não tão cultural, mas econômica, as pessoas sempre tiveram as antenas muito ligadas, e a ligação sempre foi mais com São Paulo do que com Belo Horizonte. naquela época foi uma dificuldade muito grande, porque eu vim de Belo Horizonte achando que eu estava chegando em Minas e eu não estava chegando em Minas, eu estava chegando numa Minas que por sua vez tinha ligação com São Paulo e hábitos e costumes com Goiás, e eu acho que é assim até hoje. Eu só fui entender Uberlândia quando eu trabalhei em Goiânia (...) hábitos alimentares, costumes e cotidiano de Uberlândia é muito Goiás, é muito mais forte que Belo Horizonte”¹⁶.

O desejo da industrialização se concretizava em Uberlândia, como era o desejo da elite. A cidade crescia paralelamente ao processo de urbanização do país, no entanto não só de riquezas vivia o uberlandense, os problemas sociais se agravavam a cada ano, a sociedade termina passando por uma completa reestruturação urbana, onde a pobreza é disfarçada, parecendo não existir:

“Faz-se necessário salientar que, a partir de 1960, convivendo paripassu com o progresso econômico, a problemática da marginalização social torna-se explícita nesta cidade. A intensificação do fenômeno da imigração, o aparecimento das favelas, a multiplicação do subemprego e do desemprego, a precariedade de uma política social do município relativa aos serviços de saúde e de atendimento assistencial à criança carente colocam em cena, de forma mais dramática, o problema da mendicância, da vadiagem.

¹⁶ Entrevista de uma ex-aluna do Colégio Nossa Senhora que se formou normalista na década de 60.
¹⁷ Março\2000

do menor carente e do aumento da criminalidade. Este espaço urbano “infestado” agora por esses “novos personagens” deveria, do ponto de vista das classes dirigentes, ser repensado e reestruturado a fim de que se pudesse evitar o confronto social”¹⁷.

Assim as palavras “Ordem e Progresso” se fortalecem na sociedade uberlandense, a classe dominante articula e põe em prática o discurso da construção social. Através de projetos políticos que viabiliza o desenvolvimento concreto - as obras que podem ser facilmente percebidas pela visão, os grandes monumentos do progresso, e ao mesmo tempo as obras invisíveis - aquelas que disciplinam e regulamentam o espaço urbano, que constróem a “cidade maravilhosa”. Para que este discurso desenvolvimentista se propague com maior rapidêz foi muito utilizado a imprensa local, representada principalmente pelos jornais. Em 1960 Uberlândia possuía pouco mais de 69.000 habitantes que presenciavam diariamente, através do “Jornal Correio de Uberlândia” as transformações da cidade, a construção de arranha-céus - propaganda de vendas de apartamentos, novas escolas, a Universidade, o acompanhamento de festivais do ié ié, ié os concursos para misses, o crescente asfaltamento das ruas, propagandas de automóveis, bancos e outros. Além de escrever e enfatizar o desenvolvimento prático da cidade, o jornal muito contribuiu para a formação de opiniões sobre assuntos polêmicos como por exemplo a questão do divórcio, tão em voga neste período, percebemos, então, um momento grávido de transformações, no entanto, houve uma tentativa de retração nos

¹⁷ MACHADO, Maria Clara Tomaz. **A Disciplinarização da Pobreza no Espaço Urbano Burguês: Assistência Social Institucionalizada-(Uberlândia-1965 a 1980)**. São Paulo: USP, 1980, p. 3. (Dissertação de Mestrado).

principais meios de formação de opiniões, que tentavam perpetuar a noção de uma cidade tradicional, ordeira e sempre aliada aos “bons costumes e a moral”.

“O correio de Uberlândia na luta contra o divórcio. Aproxima-se a um milhão o total das assinaturas coletadas pela Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade contra o divórcio e outras medidas desagregadoras da família contidas no projeto do novo Código Civil. Enquanto cresce por toda parte o interesse da opinião pública em prol desse abaixo-assinado, figuras do maior relêvo no cenário nacional lhe dão o seu apoio...”¹⁸

A citação acima, além de reafirmar o caráter já descrito a respeito da cidade de Uberlândia, demonstra como era importante salientar que existiam pessoas “importantes” (veja aqui pessoas da classe alta ou política e socialmente bem sucedidos) unidas como em uma guerra para manter o velho código civil. As regras de condutas conduziam o homem, como “macho”, a se responsabilizar sozinho pelo controle da família:

“A sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, família e Prosperidade promoveu no auditório da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, um ciclo de conferências de alto nível cultural sobre a reforma do código civil brasileiro (...) MARIDO É O CHEFE: O ministro Ítalo Galli do Tribunal de alçada, defendeu a tese “o princípio de que o marido é o chefe da sociedade conjugal, fundada na tradição jurídica e na doutrina da Igreja, recomenda a rejeição dos artigos 139 e 239 do projeto de Código Civil”. A igualdade

¹⁸ **Tradição, família e propriedade na luta contra o divórcio.** Correio de Uberlândia, Ano XXIX, N.º 10.270, 31\julho\66, p. 6.

familiar que não consulta a ordem estabelecida por Deus, que impôs um chefe, viria não beneficiar os conjugue, mas destruir pela base a própria família, em detrimento principalmente da mulher.”¹⁹.

“Prosseguimos a divulgação das declarações do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira sobre o projeto de reforma do Código Civil. O presidente do Conselho Nacional da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade sustenta que o projeto contém artigos que, protegendo a imoralidade, ultrajam a família legítima (...). Afronta, também, à família legítima, é a faculdade que dá o projeto ao solteiro e ao viúvo de viverem em concubinato com a mulher também solteira ou viúva, garantindo vantagens legais à concubina, quando nada impedia às partes que regularizassem, pelo legítimo matrimônio a sua situação. Pois esta meia equiparação do concubinato ao matrimônio é um ultraje para este. A meu ver, se quiser olhar de frente as coisas, o citado artigo não passa de uma proteção à imoralidade”²⁰.

Além de representar uma propaganda moralizadora dos costumes, essas citações acima deixavam bem claro os papéis sociais; aos homens cabia a pesada tarefa de manter, de prover a família e às mulheres cabia propiciar condições para isso, ou seja, criar e educar os filhos, ser boa esposa, boa mãe, o esteio moral da família. Embora sabendo que o concubinato nunca seria aceito dentro da burguesia uberlandense, essa mesma elite se preocupava em “moralizar” todos os espaços e

¹⁹ **Magistrados contra o Divórcio.** Correio de Uberlândia, Ano XXIV, N.º 10.268, 28\julho\66, p. 5.

²⁰ **Divórcio.** Correio de Uberlândia, Ano XXIV, N.º 10.235, 31\Maio\66, p. 5.

instituições da cidade, principalmente a família, pois, para eles a estabilidade no lar provocava a mesma reação dentro da sociedade, principalmente nos espaços de produção.

Uma das entrevistas, feita com uma ex-aluna do curso Normal, demonstra bem a questão do “poder” discriminatório para com aquelas pessoas que contrariassem o discurso da moral e bons costumes: *“Eu me lembro que em Uberlândia, duas mulheres que eram separadas quiseram ir, ou chegaram a ir ao Uberlândia Clube e foram barradas porque eram separadas, mulher desquitada não podia andar com mulher solteira e nem casada.”*²¹ Uma explicação técnica a respeito do motivo da crescente ocorrência de desquites e como preveni-los foi encontrada no jornal Correio de Uberlândia:

“É fora de dúvida que a crise econômica que atravessamos com a insuportável elevação do custo de vida, cada vez mais acentuado, contribui para a dissolução dos lares, tornando a sua manutenção penosa ginástica financeira de difícil equilíbrio. Os desajustamentos conjugais, advêm em geral de causas sociais e individuais. O matrimônio requer, da parte dos que o contraem, uma acentuada noção de responsabilidade e espírito de transigência e adaptação, a fim de evitar os desentendimentos que a vida em comum gera inevitavelmente. As providências em que se fazem necessárias para evitar o aumento dêsse desajustamento são principalmente de cunho educacional. Melhor preparação dos noivos para a vida conjugal, visando a nítida compreensão dos deveres que ela impõe, a falta de uma

²¹ Entrevista de uma ex-aluna do Colégio Nossa Senhora que se formou normalista na década de 60. 27\Março\2000.

formação religiosa mais acentuada, notadamente para as moças, contribuiria certamente para atenuar a frequência desses desajustamentos.”²²

No que diz respeito aos setores da economia e da política faremos aqui uma observação:

“Se por um lado os moços conseguiram, de alguma forma, antes do golpe de 64, politizar-se e tentar participar ativamente das discussões políticas do país, as moças não sabiam nem porque discutir um assunto “tão chato”. A educação feminina exigiu delas falarem bem, vestirem-se bem, comportarem-se em público, apresentarem-se como pianistas ou declamadoras e suas preocupações não ultrapassavam, portanto, os limites do “mundo das mulheres”; suas preocupações eram centradas em quando e com quem iriam se casar, quantos filhos teriam e assim por diante.”²³

Este era o mundo da maioria das moças, principalmente daquelas que pertenciam a classe média-alta da sociedade. Desde cedo lhes era cobrado a responsabilidade de serem “mulheres de bem”, investidas da responsabilidade de formar as famílias de acordo com as expectativas da igreja e do governo.

A proposta de educação ressaltada acima, colabora com o projeto de progresso cada vez mais avançado de Uberlândia. A preocupação era formar jovens capazes de liderar a ordem social e diante disso o discurso se alastrou por todos os

²² Mário A. Bruno. **O DESQUITE E SEUS EFEITOS**. Correio de Uberlândia, Ano VXIV, N.º 9193, 4º jun\61, p. 5.

²³ Idem, p. 17.

pontos da cidade, principalmente em uma das instituições de maior influência entre os jovens: a escola.

O estabelecimento de ensino por nós escolhido, como objeto de nosso estudo, foi o Colégio Nossa Senhora das Lágrimas (depois simplificado para Colégio Nossa Senhora), de base católica e sistema particular. Nele estudou, durante os anos 60, as mulheres da “nata” da sociedade uberlandense, por isso o próprio prédio deveria ser adequado a essa classe elitista. Foi construído em um local já privilegiado naquela época, praça Coronel Carneiro n.º 11, próximo à Rodoviária, hoje biblioteca pública Municipal, e a praça da Prefeitura, atualmente Museu Público Municipal. A área total do Colégio corresponde a aproximadamente 7.740 m², muito bem distribuídos entre salas de recepção, solenidades, leituras, aulas, refeições, a biblioteca, o arquivo, laboratório de física e química biométrico, área reservada à ginástica, área livre do pátio, os dormitórios, a cozinha, e a lavanderia. Além desse espaço, foi construído em anexo ao Colégio, uma Capela, hoje igreja, com 450 m².²⁴

O prédio não brilhava pelo material usado em sua construção e sim pela arquitetura. grandes pilastras, salas espaçosas, ele fez parte de um conjunto arquitetônico, entre vários exemplares na cidade, que ao se repetir mostrava suntuosidade. As “grandes construções”, reafirmavam, os discursos progressistas que tinham o objetivo de elevar a cidade e moralizá-la. Assim, *“é importante esclarecer que a arquitetura, enquanto expressão humana, nunca é arbitrária, casual e sim, uma linguagem orgânica aos valores e potencialidades de uma*

²⁴ Dados retirados do “Recenseamento Geral de 1º de setembro de 1940-Questionário especial, Associações e congregações Religiosas”. Documento encontrado no arquivo do Colégio Nossa Senhora de Uberlândia.

determinada sociedade”²⁵.

A Congregação responsável pela implantação do colégio em Uberlândia foi a “Congregação das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado”, da cidade de Campinas/SP. A congregação foi fundada pelo Bispo D. Francisco de Campos Barreto e Irmã Maria Villac, no ano de 1928 e logo começaram as solicitações dos Bispos, para que as irmãs assumissem os mais diversos campos de trabalho apostólicos, fora de Campinas. Para Uberlândia vieram inicialmente dez irmãs²⁶ que ficaram residindo durante os primeiros meses em uma casa particular e contando com um número inicial de 50 alunas. Através de um documento encontrado no arquivo do colégio podemos perceber as justificativas que levaram à sua fundação:

*“Com o rápido crescimento da população sobreveio a preocupação” das autoridades principalmente a respeito das crianças e das jovens. Embora sob ameaça da infiltração comunista e da maçonaria. O Bispo da Diocese, Frei Luiz Maria de Santana percebeu que era urgente a organização da Catequese. Havia também a necessidade de uma escola cristã, cuja filosofia de vida pudesse orientar os educandos nos caminhos da justiça e da verdade levando-os a atingirem seu desenvolvimento integral”*²⁷.

Posteriormente, no ano de 1961, ainda se via essa mesma preocupação através do jornal:

“...Há muito tempo estamos ouvindo pela cidade notícias de

²⁵ BUFFA, Ester e Nosella, Paolo Shola Mater: **A Antiga Escola Normal de São Carlos: 1911-1933**. Tese, mimeo, 1994, p.22.

²⁶ Irmãs: Josefina, Jordelina, Maria de Lourdes, Maria do Cordeiro, Benedita, Rosa Maria, Felizarda, Margarida, Josefina e Irmã Lídia.

²⁷ História do Colégio Nossa Senhora, p.01

professores comunistas procurando se infiltrar nos meios estudantis (...). Não podemos infelizmente, a julgar pelos nossos conhecimentos, deixar senão os colégios dos padres de nossas observações, no sentido de que o governo deve atentar com juízo para a doutrinação comunista e a anarquia proveniente do contato diário dos comunistas com moças e moços em colégios secundários.”²⁸.

No ano de 1935, além dos cursos Infantil, Primário e Ginásial o mesmo passa a oferecer o curso Normal. Possuía os regimes de internato, semi-internato e externato, sendo que os dois primeiros foram oferecidos às alunas de 1950²⁹ até 1969, já nos últimos anos quase que somente o semi-internato. Uma escola de formação basicamente feminina, só admitia “alunos” de 1º a 4º série, já que nesta fase são ainda crianças “inocentes”, sem uma total assimilação dos preceitos sociais. Em várias falas de ex-alunas podemos perceber uma visão positiva em não se ter homens estudando entre elas, eis parte de um depoimento: “... *então o que a gente fazia era muita farra na Capela e era muito bom porque um Colégio só feminino. a gente tinha liberdade de expressão, não tinha que estar se resguardando por causa dos rapazes. então, era muito bom*”.³⁰

Além dos cursos já citados, outros paralelos, foram ministrados no colégio, podemos destacar: Curso noturno para alfabetização de empregadas domésticas, cursos de Psicologia, História, Filosofia, Parapsicologia que eram feitos em módulos nos fins de semana. Também foram muitas as personalidades que visitaram o

²⁸ Correio de Uberlândia, Ano XXIV, N.º 9245, 9\ Set\61, p.05.

²⁹ No dia 25 de outubro de 1950 o colégio Nossa Senhora das Lágrimas registra a sua primeira aluna interna.

³⁰ Entrevista de uma ex-aluna do Colégio Nossa Senhora que se formou normalista na década de 60. 17\fevereiro\2000.

colégio, ministrando palestras, algumas, citadas em documentos: Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athaide), Amaral Fontoura, Marechal Juarez Távola, General Antônio Molina, Milton Campos, entre outros.

Em 1959, chega a licença dos superiores da congregação para as Irmãs do Colégio darem início ao processo de abertura da FAFI (Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Uberlândia) que funcionou em um pavilhão do prédio até 1972, quando é desmembrada de sua entidade mantenedora, o Instituto Social de Instrução e Caridade, dirigido pelas Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado, sendo integrado à Universidade Federal de Uberlândia. Ainda na “História do Colégio Nossa Senhora” podemos encontrar o motivo que levou à criação da Faculdade: *“Colocar os interesses de Deus, acima de tudo, a fim de que o comunismo e a maçonaria não dominassem o campo, retendo em sua mãos importantíssima obra de formação de uma mentalidade universitária que deve ser de acordo com os princípios de igreja e com os interesses da Pátria”*.³¹

Com relação a posições ou mesmo sugestões, no que diziam respeito à lei 4.024, nada foi encontrado nos arquivos do Colégio Nossa Senhora e nem mesmo opiniões desta mesma instituição com relação ao tema nos jornais do “Correio de Uberlândia” durante a década de 1960. Percebemos todavia, que o referido colégio sempre esteve ao lado do governo no que diz respeito aos seus projetos educacionais, fazendo com que fosse cumprida a lei. Até mesmo sobre o golpe militar de 1964 não percebemos mudanças no Colégio. Segundo depoimentos de ex-alunas o silêncio seria por medo da “intervenção” governamental no colégio.

³¹ História do Colégio Nossa Senhora, p. 28.

As transformações políticas, socio-econômicas e culturais pelas quais passava a sociedade deixava com temor não só o Colégio Nossa Senhora mas principalmente os pais dos jovens dessa época, que se preocupavam com o futuro de seus filhos. Com relação às moças, os pais ficavam tranquilos quando matriculavam-as no Curso Normal, pois estes podiam contar com a ajuda das irmãs.

Ao pesquisarmos sobre o Curso Normal dentro do Colégio Nossa Senhora, nos foi possível perceber a sua importância para a sociedade da época. As disciplinas obrigatórias tinham por finalidade preparar profissionalmente as alunas para serem professoras primárias, embora a preocupação principal fosse a preparação social e moral da moça. Foi um curso que reproduziu a sociedade quando preparou suas alunas para serem donas de casa competentes, mães amorosas e esposas responsáveis. Assim, iremos encontrar no decorrer deste trabalho, as relações sócio-educacionais dentro do colégio e como este se relacionava com os acontecimentos exteriores a ele.

CAPÍTULO II

A PREPARAÇÃO DA NORMALISTA EM MEIO AO COTIDIANO EDUCACIONAL E SOCIAL

A educadora necessita de preparo e este se adquire nos estabelecimentos apropriados através dos mestres que por sua vez se arma dos conhecimentos indispensáveis para transmissão da doutrina colimada. Só aí é que se consegue regularmente a base pedagógica.

(Semana da Normalista)³²

O colégio Nossa Senhora da cidade de Uberlândia ofereceu durante 36 anos (1935 - 1971) o curso normal. As alunas, quase em sua totalidade, faziam parte de uma clientela de poder aquisitivo bastante elevado, com isso o curso era norteado de pompas e muitos eventos, os quais ficaram registrados em revistas, jornais e gravados na memória da sociedade. A preparação da normalista passava desde uma vasta grade curricular até a aprendizagem das regras de etiquetas, permitindo uma educação voltada para a formação da família. Em todo o material encontrado na escola a questão da disciplina, do controle, das normas, estão fartamente presentes, trazendo à tona uma instituição que não se mostrava desvinculada de alguns segmentos sociais.

As disciplinas que compunham o curso Normal no referido Colégio (conforme o horário em Anexo I) fornecia uma excelente base teórica, composta além das matérias comuns - Português, Educação Física, Religião, Biologia -, várias disciplinas de didática - Didática de Ciências, de Estudos Sociais, de Matemática e de Linguagem -, duas línguas estrangeiras - Inglês e Francês -, Sociologia e Psicologia, Cultura Geral, entre outros. Ao observarmos essas matérias percebemos

³² Correio de Uberlândia, Ano XXVII, Nº 9898, 14\Out.\1964, p. 03.

que as alunas saiam do curso preparadas tanto para serem professoras primárias, - embora não tinham a preocupação em exercer esta profissão - quanto para concorrerem ao vestibular, principalmente durante a década de 60, uma vez que a Faculdade de Filosofia pertencia ao colégio das Irmãs.

“Tinha latim, quando eu fiz o curso normal já existia a preocupação em preparar para a faculdade. Universidade. Assim já tinha a preocupação em oferecer línguas, elas já ofereciam o Francês, já ofereciam o Inglês. Dentro do curso, tinha também essa preocupação com a formação das futuras mães da sociedade. Das ... o pessoal da elite, eu não era da elite, mas a maioria das minhas colegas era”³³.

Ainda a respeito da qualidade do ensino oferecido pela escola ressaltamos uma outra fala:

“Era um curso muito rico, uma grade muito rica, tanto que nós tínhamos como disciplina regular, o latim, que é o que favoreceu a maioria de nós que tivemos carreiras que depende das palavras, escrita ou falada, porque fornecia uma estrutura espetacular da língua portuguesa. Nós tínhamos as disciplinas voltadas para as artes; canto, escultura geral, eu só via essa disciplina ser desenvolvida no Colégio Nossa Senhora, e trabalhos manuais, essas coisas que eram próprias das moças também, a puericultura”³⁴.

As aulas de canto não eram oficialmente obrigatórias, mas as meninas se

³³ Entrevista de uma ex-aluna do Colégio Nossa Senhora que se formou normalista na década de 60. 04/Maio/2000.

³⁴ Entrevista de uma ex-aluna do Colégio Nossa Senhora que se formou normalista da década de 60. 17/Fev./2000.

viam “constrangidas” a participar das mesmas, embora vimos através de depoimentos das ex-alunas que isso na época não incomodava a elas. Aprendiam, então, noções básicas da música e se dividiam entre primeira, segunda e terceira voz, faziam apresentações de canto coral na capela, durante as missas e em festas do Colégio. Uma vez por mês promoviam um evento cultural e intelectual onde algumas alunas declamavam poesias, outras tocavam instrumentos como piano, acordeon e as melhores apresentações eram premiadas com medalhas. Nas aulas de puericultura, as alunas aprendiam como tratar a criança, como dar banho, ou seja, como ser uma mãe dedicada.

Apoiando o desenvolvimentismo e o progresso da cidade de Uberlândia o Colégio Nossa Senhora incentivava as moças normalistas a prosseguirem os estudos na Faculdade de Filosofia, assim, o curso era percebido mais como espaço “feminino”. Moças que futuramente representariam as mulheres da elite uberlandense deveriam, claro, possuir um curso superior, embora isso representasse mais uma obrigação social do que uma necessidade individual. Assim, o currículo do curso normal mesmo enfatizando as matérias de formação primária e doméstica, tiveram também a preocupação com o vestibular, embora na época a concorrência fosse muito pequena.

Se compararmos o colégio Nossa Senhora de Uberlândia com o Colégio Sagrado Coração de Jesus de Araguari³⁵, perceberemos o quanto as matérias oferecidas nos cursos deixavam claro a sua finalidade.

³⁵ Esta comparação foi possível graças ao trabalho de Puga de Sousa em relação ao Colégio Sagrado Coração de Jesus, pois esse também possuía cunho religioso católico, oferecia o curso normal e ainda o mesmo recorte cronológico - anos 60. Ver : SOUZA, Vera Lúcia Puga. Entre o Bem e o Mal (Educação e Sexualidade nos anos 60 - Triângulo Mineiro - 1960). São Paulo : USP , 1991. (Dissertação de Mestrado).

*“O currículo do Curso Normal, para moças, variava de forma bastante elucidativa das escolas públicas para os colégios religiosos. Nesses últimos, por exemplo, a preparação para o casamento e para que a moça assumissem seu papel de futura “rainha do lar” era bem mais claro. Não só transparecia através das disciplinas: - Higiene e Puericultura, trabalhos Manuais, Música e Canto, Desenho e Artes Plásticas, como na prática dessas disciplinas, à medida que as moças aprendiam a dar banho em bebês, cuidar do seu corpo e saúde, e ainda trabalhos como tricô, crochê, bordados e pinturas”.*³⁶

E ainda com relação aos cursos superiores, o leque de possibilidades para o universo feminino era restrito. Os cursos estavam voltados apenas para a docência -Filosofia, Ciências e Letras- delimitando bem o espaço feminino e masculino:

*“Quando dissemos sem opções, queremos dizer que, em primeiro lugar, os cursos abertos às mulheres, e que eram freqüentados maciçamente por elas nessas cidades do interior, eram os de Filosofia, Ciências e Letras. Em segundo lugar, essas mesmas mulheres não eram preparadas, na escola secundária, para concorrerem com os homens nos concursos vestibulares para Medicina, Odontologia, Engenharia, Advocacia e Economia, considerados os melhores cursos da época e os que mais davam retorno, em termos financeiros e status social”.*³⁷

Uma diferença que podemos salientar com relação aos dois colégios era o preconceito ao Curso Superior de Filosofia. Em Araguari o curso recebeu um

³⁶ Idem, p. 17

³⁷ Ibidem, p. 17

sentido muito mais pejorativo do que em Uberlândia. Neste último, houve um incentivo maior por parte das Irmãs para que as alunas continuassem seus estudos. no entanto, ambos eram designados de “espera marido”.

Até mesmo na escolha do curso Normal percebemos que não havia outras opções, pois este era o curso designado pela sociedade para as futuras mães:

“A escolha nessa época era praticamente natural, porque ao contrário da forma que é estruturado o 2º Grau hoje, antes, desta reforma de ensino, o equivalente ao 2º Grau, que era a fase preparatória para a Universidade, era muito bem delimitada. Os alunos que já tinham a intenção de cursar carreiras da área de Humanas, as moças geralmente faziam o Curso Normal, porque além de se preparar para as carreiras da área de Humanas, elas já obtinham uma formação como professoras de primário, e quem desejasse ainda se dedicar por exemplo a área de filosofia ou de letras, faziam o curso clássico e os que se voltavam para as áreas de tecnologia e de ciências biomédicas faziam o Científico, isso era um encaminhamento natural.”³⁸

O que era considerado natural quanto a escolha do curso, na verdade não passava de uma reprodução dos papéis masculinos e femininos. Quanto às mulheres: professoras e/ou mães, na prática social não destoava muito um do outro, se completavam. Aos homens: múltiplas escolhas, já que eram eles quem sustentavam financeiramente o lar.

O diploma do curso normal, na maioria das vezes, era um “pré-requisito” para

³⁸ Entrevista de uma ex-aluna do Colégio Nossa Senhora que se formou normalista na década de 60. 17Fev.\2000.

o casamento, o que não significava também uma despreocupação total com o mercado de trabalho:

*“Nós tínhamos na época o clássico e o científico no Colégio Estadual e eram cursos muito conceituados só que nenhum dos dois não fornecia um diploma de final de curso, ele era considerado um curso intermediário e obrigatoriamente você teria que continuar. O curso normal era o único que fornecia um diploma (...). Na verdade minha opção seria pelo clássico, mas o fato do clássico não fornecer o diploma final, me fez fazer o normal, não por preferência mas por uma questão utilitária”*³⁹

O motivo principal dessa preocupação com o diploma se centrava no fato de que as moças se casavam muito cedo e na maioria dos casos não continuavam os estudos. Assim os pais tinham por dever cumprido quando a filha diplomava-se como normalista.

O evento da formatura ficava registrado no jornal “O Correio de Uberlândia” todos os anos, citando inclusive os nomes das formandas na Coluna Social do mesmo. Ainda com relação a escolha do curso existiam também aquelas que se consideravam professoras natas:

*“Olha, isso daí era uma vocação que eu tinha desde criança, porque quando eu brincava com minhas bonecas eu já brincava de professora, eu já dava aula para elas. Eu nunca tive outra coisa na cabeça, desde pequena eu falava que queria ser professora”*⁴⁰

³⁹ Entrevista de uma ex-aluna do Colégio Nossa Senhora que se formou normalista na década de 60. 24\Março\2000.

⁴⁰ Entrevista de uma ex-aluna do Colégio Nossa Senhora que se formou normalista na década de 60. 04\Maio\2000.

“A minha família é uma família de professoras, as mulheres todas eram professoras e todas normalistas, minhas tias, do lado de meu pai, que são três e tem muito professor inclusive homens professores, então tinha já na minha vontade, até por parentesco (...) então eu escolhi o curso normal”⁴¹

Seja por opção ou por falta dela, o curso normal era o mais procurado pelas moças da época. Estudar no Colégio Nossa Senhora significava status e era sinônimo de prestígio da família, uma vez que o colégio participava de todos os eventos sociais da cidade. Dentre esses eventos destacamos os desfiles cívicos, as fanfarras faziam parte deles como elemento fundamental - o uniforme de gala, a qualidade dos instrumentos, o ritmo no compasso - permitiam às moças do Nossa Senhora o título de melhor fanfarra, provocando olhares invejosos pelas ruas que passavam.

A fama do colégio não advinha apenas de seus glamurosos desfiles. É fato que o ensino lá ministrado era de muito boa qualidade, *“moderno para a época”* como disseram várias alunas. As aulas não se resumiam nas matérias ditas oficiais, como já foi ressaltado anteriormente. Eram várias as atividades extra-classe, procurando desenvolver nas alunas desenvoltura social :

“Viajamos, fazia churrasco, fazia festas, arrecadava fundos eu sempre fui das lideranças. Nós fomos a Salvador, ao Rio, fomos a Araguari uma tonelada de vezes, fomos a Rio Verde, Uberaba, (...). As irmãs sempre iam conosco, elas eram as primeiras a incentivar que a gente fizesse um fundo, viajava praticamente de graça, porque a gente trabalhava muito,

⁴¹ Entrevista de uma ex-aluna do Colégio Nossa Senhora que se formou normalista na década de 60. 17/Março/2000.

levantava o dinheiro para viajar e eram viagens sempre agradáveis. ficávamos sempre hospedadas em colégio. também de freiras.”⁴²

Tudo isso fazia do colégio um ponto de referência para a sociedade local, pois aliava o conteúdo escolar com o símbolo de modernidade, o qual a cidade representava, porém norteado pelos preceitos morais da religião.

O número de alunas normalistas do Colégio Nossa Senhora que se dedicaram ao ensino primário, foram poucas. A maioria já passava para faculdade e daí à outros caminhos. Uma das consequências dessa falta de interesse pelo magistério foi talvez a responsável pela escassez de professoras primárias. O jornal “Correio de Uberlândia” já denunciava esta situação paralela a falta de escolas:

“Em Uberlândia, cerca de 1000 crianças estão sem escola primária por falta de vagas. Isto é uma situação que toca às raíais da calamidade pública, muito embora, reconhecemos, sejam ingentes os esforços de muitos no sentido de dar escolas a infância uberlandense. O que é de pasmar, entretanto, vem a reportagem de apurar, ocorre com relação ao professorado primário mantido às espessas da municipalidade, cujo total era de 47 e agora, passou a 43, inexplicavelmente”⁴³

Seja pelos salários, que sempre foram baixos, ou pelo fato de só almejarem o diploma, a verdade é que as formandas se diluíam. Assim, mesmo, com os vários

⁴² Entrevista de uma ex-aluna do Colégio Nossa Senhora que se formou normalista na década de 60. 17\Março\2000.

⁴³ **1000 Crianças sem escolas.** Correio de Uberlândia. Ano XXIV, Nº 9150, 12\Março\61, p. 01.

cursois normais, o problema educacional, no que dizia respeito à alfabetização, não conseguia ser sanado. Com isso percebemos algumas investidas governamentais, a partir de 64, no sentido de popularizar a escola:

“O índice de analfabetismo no Brasil ainda existe na casa dos 50% com tendências a aumentar. Esta é a conclusão sobre a qual o Ministro de Educação e Cultura se baseou para o lançamento do Sistema Nacional de TV - Rádio Ginásio. E mais: dos que fizeram o curso primário, apenas 1.464.361 de brasileiros conseguiram matrícula em ginásios. Há no Brasil uma população de 14 milhões de jovens entre 12 e 16 anos sem ginásio. Daí a criação do sistema TV-Rádio Escola”⁴⁴

Por outro lado o governo estadual, e isso ainda em 64, tentava combater o analfabetismo lançando a “Semana da Normalista”. Por consequência da propaganda educacional aliada ao crescimento da cidade de Uberlândia, percebemos que após 1964 só o Colégio Nossa Senhora passou a formar, em média, 65 alunas por ano⁴⁵.

A Semana da Normalista⁴⁶ foi assim justificada:

“O Secretário Aureliano Chaves acaba de instituir a “Semana da Normalista”. Para que? Para promover uma tomada de consciência geral da comunidade - através da imprensa, do rádio, da televisão, bem como do comércio, da indústria e demais áreas de atividades humanas, no sentido de se

⁴⁴ **Ginásio pelo Rádio**. Correio de Uberlândia, AnoXXII, Nº 9780, 1ºMarço|64, p.03.

⁴⁵ Dos anos de 1960 a 1963 o colégio Nossa Senhora formava uma única turma por ano, já a partir de 1964 a 1969 a quantidade de turmas dobram.

⁴⁶ Institucionalizada através da portaria “Nº 133 para as escolas Normais” do departamento de Educação de Minas Gerais em 26\07\64.

valorizar a posição da normalista: professora (sic) amanhã, líder de primeira linha na luta pelo desenvolvimento integral de um País.”⁴⁷

Ainda no mesmo documento, podemos perceber momentos em que se reafirmava a condição favorável das mulheres em serem professoras “*Quem de nós não conserva no recôndito do coração, o retrato de sua Mestra, um pouco à imagem das Santas que estão no altar?*”⁴⁸ na tentativa de estabelecer uma imagem de mãe\virgem\professora.

Durante a Semana da Normalista, todas as escolas normais deveriam apresentar um programa especial de atividades pedagógicas, artísticas e esportivas (Anexo II). O encerramento sempre era feito com um evento único entre as escolas, onde deveriam discutir problemas da carreira. Porém, o que mais existe de registro são os festejos, tanto na imprensa como na memória de ex-alunas do colégio Nossa Senhora.

“Procurando elevar o conceito das normalistas na sociedade uberlandense as normalistas das escolas normais, anexas ao Colégio Brasil Centra e Nossa Senhora das lágrimas, fizeram bela apresentação na manhã do último dia 15, promovendo um desfile pela av. Afonso Pena, dêle participando tôdas as séries do curso, inclusive os alunos de curso primário do grupo escolar Afonso Arinos, do colégio Brasil Central. Também o desfile têve a finalidade de homenagear a “normalista” da Escola Normal apresentando os seus trabalhos, nas salas de aula, bem como a sua atividade de

⁴⁷ Estudos e Informações Educacionais - Dedicado à “Semana da Normalista”.

⁴⁸ Idem, p 47

estudos, como se verificou nos diversos painéis que foram ostentados pelas desfilantes, dia 15 (...). Para o encerramento das solenidades da Semana da Normalista, está sendo anunciada para hoje, uma palestra às 20 horas no salão nobre do Uberlândia Clube, a ser proferida pelo prof. Afro do Amaral Fontora, onde deverá estar reunida toda a família normalista desta cidade”⁴⁹

O jornal, Correio de Uberlândia, sempre participou da cobertura dos eventos da Semana da Normalista e hoje, entre as ex-alunas, foram apenas estas recordações que restaram. As palestras, conferências, debates e seminários relativos a pedagogia e condições da futura professora foram esquecidos, mesmo porque, a maioria das ex-alunas não gostavam de participar de tais eventos, pois não era interesse dessas alunas entrarem para este mercado de trabalho, além de demonstrar que o descaso com a questão educacional se faz a tempos.

“Eram assuntos didáticos, mas a gente, tinha dia que não aproveitava nada. Geralmente os eventos eram feitos fora, eu me lembro dos que eram feitos no Uberlândia Clube e a gente aproveitava, registrava presença e ia pra rua. Ia paquerar, ia ver a rapaziada que estava saindo do colégio também. A maioria dos nossos paqueras estudavam no Estadual. Então a gente não aproveitava nada não. Conhecia a pauta, sabia do que se tratava mas não participava nada não!”⁵⁰

Embora o colégio mantivesse uma forte vigilância sobre suas alunas, durante

⁴⁹ **Normalistas desfilam dia 15 pela Afonso Pena.** Correio de Uberlândia, Ano XXVII, Nº 9900, 17\Out.\64, p.01.

⁵⁰ Entrevista de uma ex-aluna do Colégio Nossa Senhora que se formou normalista na década de 60. 17\Fev\2000.

a Semana da Normalista elas não tinham aulas, por isso podiam aproveitá-la de uma forma mais livre, rompendo com o cotidiano de normas. Em dias normais a rotina era bem diferente, as irmãs se dividiam com os trabalhos, a orientação e educação das moças externas, semi-internas e das internas. Todos que faziam parte do colégio possuíam a sua função, as irmãs com suas obrigações e as alunas com seus deveres a cumprir. De uma das obras do filósofo francês Michel Foucault, podemos extrair um trecho que cuida da “Arte das Distribuições”, embora o estudo seja do século XVIII, ainda percebemos os mesmos traços no século XX:

*“Lugares determinados se definem para satisfazer não só à necessidade de vigiar, de romper as comunicações perigosas, mas também de criar um espaço útil (...) Determinando lugares individuais tornou possível o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos. Organizou uma economia do tempo de aprendizagem. Fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar”.*⁵¹

Assim, podemos perceber que principalmente as alunas internas, (embora já fossem poucas durante a década de 60) faziam parte de um sistema todo “*amarrado*”, baseado no poder, dever e no vigiar. Era designada uma “mestra” para acompanhar as alunas durante o período em que se encontravam matriculadas no colégio, descrevemos a seguir a sua atribuição:

“A Mestra de disciplina do internato é por assim dizer a mãe da menina estudante. A formação científica está nas mãos das professoras; a física, a do caráter, a higiênica, a religiosa, a

⁵¹ FOUCAULT, Michel. Os corpos Dóceis. In: Vigiar e Punir. História da violência nas Prisões. Petrópolis, Vozes, 1998, p. 123\126.

moral e a social estão na da Mestra. É ela que “educa” a menina: a orienta, repreende, louva, castiga ou recompensa, a consola e a aconselha nas pequenas e grandes dificuldades.”⁵²

Embora a designação de *mestra* insinuasse uma relação materna, a realidade vivida pelas internas era de uma frieza quase palpável. As freiras não conseguiam criar um clima familiar tal como o esperado, a repressão e as normas se faziam mais presentes no convívio diário:

*“Eu sentia que elas eram muito oprimidas, que elas tinham muita dificuldades de relacionamento dentro do colégio. As professoras ficavam muito distantes. Não tinham uma relação de amizade com elas e era isso que elas precisavam, porque elas tinham a falta da família. Então elas buscavam essa amizade nas colegas, as vezes elas conseguiam licença para vir na casa da gente. Conversava com as irmãs da gente, com a mãe, a gente sentia essa falta de relacionamento.”*⁵³

Não nos foi possível obter muitas informações sobre as alunas internas pois a ficha individual dessas era considerada como o “perfil psicológico de cada menina” e por isso até hoje são guardadas em arquivo próprio com muita reserva. Porém sabemos que a maioria dessas alunas eram filhas de fazendeiros da região que pagavam caro para mantê-las no colégio. Com essa atitude os pais tinham a certeza de estarem entregando suas filhas em um conceituado estabelecimento de ensino e

⁵² Normas do Internato (Colégio Nossa Senhora), p. 01.

⁵³ Entrevista de uma ex-aluna do colégio Nossa Senhora que se formou normalista na década de 60. 04/Maio/2000

educação⁵⁴. Não só conheciam como também concordavam com as normas do estabelecimento (Anexo III). Essas meninas deixavam o aconchego de seus lares para ingressarem em uma escola onde a individualidade e o gosto particular desapareciam:

*“Existia todo um esquema de levantar, de rezar, de missa, aquela coisa do... hora de dormir, todo mundo junto, todo mundo de camisola, pra mim era engraçado, na minha casa sempre teve muita liberdade; no colégio não podia usar pijama, todo mundo de camisola, na minha casa todos usavam pijama, são coisas mínimas que mostravam os padrões”*⁵⁵

No entanto, se por um lado existia desconforto emocional, por outro lado, ser aluna interna era algo muito “chique”, meio mítico, porque tinha uma aura de sofrimento e o desejo da maioria das meninas era ser interna nos grandes colégios de São Paulo. Veja o que uma ex-aluna declara sobre o internato *“Um paraíso inacessível, porque eu tinha vontade de ser interna, mas meus pais não tinha condições financeiras para arcar.”*⁵⁶

Mesmo os pais de médio poder aquisitivo entendiam a importância de “controlar o destino das filhas”, ou seja, esse controle significava o sonho dos pais de verem suas filhas bem casadas - a máxima social- e respeitáveis professoras:

“É, a maior parte era da gente da alta sociedade mesmo, mas

⁵⁴ Designamos “ensino” para a formação pedagógica e intelectual da aluna e “educação” como sendo a aprendizagem das normas sociais onde o conjunto daria à moça o diploma não só de professora como também de “uma mulher fina”, pronta para frequentar a alta classe social.

⁵⁵ Entrevista com uma ex-aluna do colégio Nossa Senhora (que viveu um regime de internato por um curto período) e se formou normalista da década de 60. 17\Março\2000.

⁵⁶ Entrevista de uma ex-aluna do colégio Nossa Senhora que se formou normalista na década de 60. 14\02\2000.

meu pai era... nós tínhamos uma vida mais ou menos mas não éramos ricos, né! Então, apesar de papai ser estrangeiro, mas ele achava que a educação era a coisa mais importante que ele poderia dar para a gente. Então todas nós estudamos no Colégio Nossa Senhora, porque era o que podia oferecer de melhor para a gente, mas não que a gente fosse rico. Então o que a gente sentia era que o curso normal também preparava para essa vida da sociedade. Então a gente tinha aula de etiqueta social, ensinava como comer, como comportar na sociedade, como conversar. Aprendia tudo, como sentar, como se vestir. A gente tinha aula de etiqueta social, tinha aula de puericultura para preparar as futuras mães.”⁵⁷

Aprender bem qual era o papel feminino dentro da sociedade, fazia parte do programa do colégio pois estavam preparando as mulheres da elite social. Por isso era importante aprender todas as minúcias da refinada linguagem social:

“A mestra esteja sempre ao lado do internato, observando-o, dando-lhe a lição silenciosa de seu exemplo, pela correção em suas maneiras e em seu porte, seja qual for o motivo que aí as reuna. Nas aulas de formação, sempre dar as orientações necessárias: a) sobre o modo de entrar e sair do salão; b) nas festas, como estar - durante os atos e entre-atos; como assistir ao cinema, as reuniões, etc.”⁵⁸

Assim, a aluna era preparada para reafirmar o papel da mulher na sociedade como “rainha do lar” e garantir a manutenção do casamento como sua célula mãe. A

⁵⁷ Entrevista de uma ex-aluna do colégio Nossa Senhora que se formou normalista na década de 60. 04/Maio/2000

⁵⁸ Normas do Internato (colégio Nossa Senhora), p. 17.

menina era educada para aceitar e fazer com que as pedras do convívio matrimonial não interferisse na sua eternidade, pois o “casamento era para sempre”.

A imprensa muito contribuiu na empreitada de reafirmação do papel feminino, principalmente da classe alta. O jornal “Correio de Uberlândia” lançou a partir de novembro de 1960 um novo espaço nesse sentido, foi a chamada **Coluna Feminina**. Semanalmente passaram a divulgar assuntos sobre educação, moda e etiqueta. Escrito sempre por uma mulher de destaque social, eis uma delas:

“Minha amiga: alguns conselhos e regras de boas maneiras nunca são demais para a mulher que deseja ser uma dama. Portanto leia com atenção esses lembretes: Não conte minúcias de sua vida às suas amigas. O coração deve ter sempre um quarto reservado onde só nós penetramos. Se você é casada e levou um lindo enxoval, não guarde as camisolas mais ricas para as traças comerem. Se você é noiva, lembrete que a boa educação não permite demonstrações públicas e exageradas do seu amor. O aperto de mão por parte da mulher deve ser sempre cortês e respeitoso. É uma demonstração de cordialidade e de fineze, não uma saudação violenta, masculina, que empana a delicadeza, principal atributo e encanto feminino”⁵⁹

Percebemos, então, que existia na sociedade dos anos 60 uma intensa preocupação em formar um determinado padrão de mulher. No entanto esse momento, como já foi ressaltado anteriormente, era de intensa transformação, os jovens pediam por mudanças e para frea-los nada melhor que o conservadorismo dos

⁵⁹ **Coluna Feminina**. Correio de Uberlândia, Ano XXIII, Nº 9095, 26\Nov\60, p.07

colégios religiosos. Lá, todos estariam a salvo das garras da devassidão que tanto causava medo aos pais.

No internato todos os detalhes deviam ser cuidadosamente observados. A mestra cabia a tarefa de ensiná-las a se calçarem, vestirem, cuidarem do quarto, sempre em silêncio e com modéstia. Todos os dias assistiam a missa pela manhã e faziam a oração da noite, antes de se recolherem. Nos documentos que regiam as normas do Internato encontramos sempre uma preocupação com o pudor, como por exemplo, não caminhar pelos corredores do colégio com o “penoir” aberto ou ainda:

“Uns cinco minutos, após tôdas as arrumações, as luzes são apagadas e a Assistente continua seu papel de Anjo Tutelar: anda levemente pelo dormitório ou assenta-se em um banquinho próprio. Fará suas orações nesta hora. Nota - não saia para sua cela antes de perceber que estão dormindo. Faltas graves contra a pureza podem se dar nos dormitórios se a Irmã sair muito cedo. Cada Assistente tem a sua cela no dormitório da divisão que lhe é confiada.”⁶⁰

Essas “Faltas graves contra a pureza” estariam enquadradas nos desvios sexuais, como o onanismo e o homossexualismo, questões que foram fortemente condenadas pelos médicos e higienistas. Eram consideradas como “doenças terríveis” e tratadas como anomalias, principalmente o homossexualismo, que feria a base institucional do casamento.

A preocupação com a moral e a sexualidade acabava por reprimir qualquer gesto ou atitude das alunas, mesmo que estas o fizessem inconscientemente. “O que

⁶⁰ Internato - Atribuições da mestra de disciplina, p. 05.

*se poderia chamar de discurso interno da instituição - o que ele proferia para si mesmo e circula entre os que o fazem funcionar - articula-se, em grande parte, sobre a constatação de que essa sexualidade existe: precoce, ativa, permanente”.*⁶¹ Assim, as meninas já não se mostravam como “*anjos*” de alguns anos atrás, e sim futuras mães, o “*sexo frágil*” que devia ser resguardado de qualquer ameaça à sua pureza.

A preocupação em moldar a sexualidade sempre esteve intimamente ligada ao desenvolvimento capitalista, iniciado na Europa no século XIX, sendo peça importante da ordem burguesa. Os estudiosos passam a diferenciar o sexo-biológico do sexo-prazer, onde o último se encontra idealizado na imaginação.

Na casa, separa-se os quartos, a função da reprodução faz calar o sexo, associados com a “higienização” não só física mas mental da sociedade - a luz deve entrar nas residências. O silêncio tem que ser rompido quando chega à juventude, uma vez que chega o momento em que se passa de anjo a pecador.

*“Daí a vigilância dos serviços, a transformação da moradia familiar num espaço programado com o objetivo de facilitar as brincadeiras de crianças, de controlar seus movimentos (...) a família burguesa toma, progressivamente a aparência de uma estufa aquecida contra as influências exteriores”*⁶²

A figura da mãe, antes do séc. XIX não possuía a qualificação que se tem hoje. Porém, a necessidade de se obter uma família apta para assimilar e reproduzir

⁶¹ FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade. A vontade de Saber, Vol. 1. Rio de Janeiro, Graal, 1985, p. 30.

⁶² DONZELOT, Jacques. A Polícia das Famílias. Rio de Janeiro. Ed. Graal, 1980, p.24 Mesmo trabalhando com Europa e em outro momento histórico o referido autor nos foi de grande importância como fonte comparativa.

as necessidades da produção capitalista faz também disciplinarizar as residências e nomeia os papéis dentro dessa nova família:

Passou a existir uma aliança entre o médico e a mãe, onde esta última executa as ordens do primeiro e ganha assim uma “promoção” dentro da família porque agora ela possui uma utilidade educativa.⁶³

A figura da mãe foi sendo cada vez mais elaborada ao longo dos tempos e na década de 60, quando há a necessidade de explicar aos filhos sobre sexualidade elas se vêem em uma situação de timidez, já que a maioria foi criada em condições de grande repressão, assim, elas se socorrem nos manuais de educação sexual, livros que ditavam regras científicas, consideradas como verdade sobre a sexualidade. O mesmo acontecia nas escolas:

“A sexualidade tinha apenas um espaço nessas instituições religiosas. O espaço do que é verdade, do que é ciência: - as aulas de Biologia onde, cientificamente, projetava-se o corpo, os órgãos sexuais e suas funções. Nesse sentido, o sexo era tratado como alguma coisa meramente física, sem levar em consideração ou mesmo anulando, toda a questão da sexualidade contida aí.”⁶⁴

Comparando com a citação acima, que se refere aos colégios religiosos de Araguari, podemos perceber que o Nossa Senhora seguia a mesma conduta. Vejamos através das falas de algumas ex-alunas como era visto esta questão da

⁶³ Com a classe pobre, o alvo continua o mesmo, a conservação das crianças, porém os meios serão outros, já que são a maioria analfabetas e não podem pagar “médico de família”, também porque o objetivo é outro: economia social. Por isso não se fará proteções discretas e sim vigilâncias diretas, como por exemplo a polícia que promete-lhes felicidade e tranquilidade através da repreensão dos rebeldes e as escórias da família. Sobre esse assunto Ver: DONZELOT, Jacques. A polícia das famílias. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1980.

⁶⁴ Puga de Sousa. op. cit, p. 17.

sexualidade dentro da escola:

“Olha, tinha algumas disciplinas, eu não sei se posso enquadrar isso no âmbito da sexualidade, por exemplo a puericultura, como tratar com a criança, como dar banho na criança, hábitos sexuais, mais biologicamente no sentido da recomendação médica.”⁶⁵

De maneira mais forte anteriormente, porém ainda muito presente da década de 60, a referida “recomendação médica” era no sentido de explicar tecnicamente os assuntos ligados a sexualidade procurando higienizar os espaços. Assim, esse discurso médico fazia crescer ainda mais a distância entre os membros da família:

“Não tinha essa conversa não. Não tinha nem com os pais. O que tinha era mais entre amigas mesmo, mas sempre com aquele bloqueio, aquele tabu, a gente ia mas era pelo instinto das coisas e sabendo discernir o certo do errado, é mais por aí. Eram umas aulas bem no biológico. Então a gente ia descobrindo as coisas era sozinha mesmo, ouvindo uma coisinha aqui outra dali, lendo alguma coisa, mas também os livros, não tínhamos muito acesso e não tinha muito livro de sexo, era um preconceito e na época se tinha uma padrão de mulher, ou seja, você deveria ser daquela forma, uma moça educada, chique, de boa formação deve fazer isso, isso e isso.”⁶⁶

Os livros sobre sexualidade (os manuais) eram para uma clientela específica:

⁶⁵ Entrevista de uma ex-aluna do Colégio Nossa Senhora que se formou normalista na década de 60. 24\Março\2000

⁶⁶ Entrevista de uma ex-aluna do Colégio Nossa Senhora que se formou normalista na década de 60. 27\Março\2000.

os homens. Principalmente para os jovens, estes livros representavam o peso de conhecer tudo sobre o sexo, pois ele seria o responsável pelo “futuro sexual” do casamento ensinando os primeiros passos à sua esposa. Estamos falando de moças totalmente inexperientes, seja em teoria ou na prática:

“A gente, apesar de que, era algo muito mais ingênuo, não existia propriamente uma noção de sexualidade naquela época. As moças, todas se casavam virgens, isso era uma condição sine qua non. Existia então variações em torno do tema, as conversas sobre os namoros, na hora do recreio, não passava de ... quando você estava avançando muito é o que hoje é considerado “ficar”, era algo ridículo hoje, então a gente achava que estava avançando demais, já estava cheia de culpa e ia pra capela rezar”⁶⁷

Juntamente com as normas e os cuidados com a sexualidade havia uma vigilância sob todos os passos das alunas, sejam elas internas ou externas, levando a premiações ou punições. A caderneta escolar era a “vida” da aluna, através dela não só as Irmãs mas também os pais poderiam fazer a vigilância pois, nela ficava registrado o comportamento diário e as notas, caso estivessem desfavoráveis, as internas perdiam o direito a saída e as externas recebiam visitas domiciliares a fim de solucionarem os problemas. O uniforme deveria ser rigorosamente limpo e passado de acordo com modelo próprio (Anexo IV). O relógio era a principal fonte de controle, a hora certa de entrar, sair, comer e dormir. A vigilância chegava ao

⁶⁷ Entrevista de uma ex-aluna do Colégio Nossa Senhora que se formou normalista na década de 60. 17\Fev\2000

extremo de controlar até a correspondência:

*“Será sempre de acordo com o regulamento. É trabalho da Mestra, 1) Corrigir os rascunhos; 2) Distribuir os papéis e envelopes; 3) Recomendar ordem, capricho e atenção; 4) Ler e fechar a correspondência, entregá-la a Ecônoma, junto a relação que cada aluna gastou em papel, sêlo, envelope. 5) As cartas que chegam são também lidas pela irmã que as entregará ou as reterá conforme os assuntos e as pessoas que as enviam”*⁶⁸

Percebemos através do “controle da correspondência” que o vigiar não estava só na esfera global da sociedade, nas micro-relações ele era ainda mais forte e eficaz. Dentro da escola este vigiar alargava-se para todos os espaços, sejam eles concretos ou abstratos. O “*olho*” que vigia estava nos corredores largos e bem iluminados, durante o recreio todas deviam se movimentar, pois exercícios físicos ocupam a mente. *“Um espaço com odores característicos de limpeza, que cheira cêra, eucalipto, naftalina; o brilho dos móveis, o chão espelhado, a ordem dos objetos...”*⁶⁹

O vigiar misturava-se com as regras, muito bem escritas nos regulamentos internos do Nossa Senhora (eram regras para desfiles, retiros, Semana Santa ...). Assim como nos quartéis, hospitais ou meretrícios, no colégio só permaneciam aquelas que respeitavam e cumpriam as normas, nestes locais os deviantes eram colocados fora do sistema. A fim de obterem uma disciplina com total obediência o melhor e talvez o mais antigo recurso estava na confissão:

⁶⁸ Normas do Internado (Colégio Nossa Senhora), p.17-18.

⁶⁹ Puga de Sousa. op. cit., p 17.

“D. Bosco dizia que o segredo para conseguir disciplina em seus colégios, estava na confissão frequente e semanal. Para ele era de primordial importância que os meninos estivessem sempre com a alma pura, isto é, em estado de graça, o que era obtido por meio da vida pura e dos sacramentos. O Estado de Graça é a base de toda educação moral. Enquanto a aluna estiver em pecado mortal o educador constroi sobre areia. A Mestra desejosa de que a graça complete a natureza em suas alunas, diariamente vai até elas, perguntando: Quem deseja se confessar? São dadas explicações ensinando-as a fazerem sérios exames, boas confissões, a formarem suas consciências.”⁷⁰

O poder do ato da confissão tornava-se tão grande, que ao se cometer um delito (algo já pré-determinado como “errado”) o próprio infrator se julgava e se punia mentalmente, uma vez que, ao relatar ao Sacerdote: “Eu pequei”, é porque já houve todo o trabalho para o exame de consciência. Foucault nos mostra que o poder da confissão se tornava cada vez maior a partir do momento que penetrava em todas as relações:

“A confissão difundiu amplamente seus efeitos: na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares, nas relações amorosas, na esfera mais cotidiana e nos ritos mais solenes; confessam-se os crimes, os pecados, os pensamentos e os desejos, confessam-se passado e sonhos, confessa-se a infância; confessam-se as próprias doenças e misérias, emprega-se a maior exatidão para dizer o mais difícil de ser dito; confessa-se em público, em particular, aos pais, aos

⁷⁰ Normas do Internado (Colégio Nossa Senhora), p.09-10.

*educadores, ao médico, àqueles a quem se ama: fazem-se a si próprios, no prazer e na dor, confissões impossíveis de confiar a outrem, com o que se produzem livros. Confessa-se - ou se é forçado a confessar”.*⁷¹

Em contrapartida a todo esse padrão disciplinador, as Irmãs do colégio Nossa Senhora foram consideradas modernas para a época. Segundo os depoimentos de ex-alunas, as irmãs possuíam uma abertura muito grande com relação as outras escolas, também religiosas, talvez pelo fato da Congregação das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado ser de natureza brasileira. Naquela época algumas delas já não usavam o hábito, incentivavam as viagens do colégio, orientavam a entrada das alunas através de microfone, desprezando em alguns momentos as fílas.

Porém, era uma liberdade dentro dos princípios morais e religiosos, tudo que casava bem com a “Cidade Progresso”, assunto já tratado no primeiro capítulo deste trabalho. Principalmente no que diz respeito às aparências, existia muitas preocupações. Como não se podia controlar a vida lá fora das alunas externas, pretendia-se concientiza-las lá dentro, principalmente com relação ao nome do colégio:

*“Problemas de namoro, se acontecia era fora da escola, a recomendação que isso acontecesse enquanto as pessoas não estivessem de uniforme mas talvez é que o nome do colégio não saísse vinculado pela cidade como um colégio que não olha pelo seu aluno...”*⁷².

⁷¹ Idem, p. 55.

⁷² Entrevista de uma ex-aluna do Colégio Nossa Senhora que se formou normalista na década de 60. 24\Março\2000.

Como a cidade era pequena, as irmãs sempre ficavam sabendo dos namoros mais sérios e tentavam direcioná-los. A melhor maneira para se fazer isso era através das entrevistas com as alunas:

“Quem você está namorando? Fulano de tal! De que família é? Família tal! Ha! não é de família tradicional. Você deve parar por aqui, não deve continuar. Tem boas perspectivas de vida? Elas achavam que nós éramos uma casta e estava sendo bem preparada para formar lares prósperos e felizes”⁷³

As alunas faziam parte de uma geração de transição, ao mesmo tempo que recebiam os ensinamentos pedagógicos-religiosos elas presenciavam o surgimento da pílula anticoncepcional, as irmãs pregavam que o casamento era “lindo”, (demonstravam apenas o lado feliz de uma união), enquanto isso o divórcio ganhava espaço nos discursos, na Câmara e Senado Federal. A gravidez sem o casamento era um “horror”, porém, as alunas acabaram dando apoio, mesmo que “escondidinho”, a uma amiga que engravidou durante o curso e declararam “achar maravilhoso”, aquilo era “pra frente demais”. Logo, percebemos este conflito na fala de uma ex-aluna:

“Foi uma geração mais ou menos dividida, uma parte foi completamente a favor do movimento que tava novo, que tava surgindo e a outra parte ficou alienada, então nós por exemplo, éramos as moças da sociedade e freqüentávamos os melhores ambientes, nós não podíamos fazer confusão e misturar os departamentos não, porque as nossas famílias

⁷³ Entrevista de uma ex-aluna do Colégio Nossa Senhora que se formou normalista na década de 60. 17/Fev/2000.

não permitiriam isso.”⁷⁴

As moças do Colégio Nossa Senhora tinham um nome a zelar, por isso não podiam contrariar as normas da instituição, mesmo que algumas jovens se mostrassem afoitas com as novidades sociais. O que elas consideravam como rebeldia às regras foram as farras dentro da capela, a bagunça durante os recreios, que embora fossem mínimas resistências, percebemos que elas existiam.

Aquelas alunas que se casavam durante o curso, apenas o concluía e transformavam-se em donas de casa conscientes de seus papéis de esposa-mãe, já aquelas que continuavam os estudos e aproveitavam a condição de serem da classe alta uberlandense conseguiram de alguma forma adentrar no mundo do trabalho não doméstico. É nesse momento que torna-se importante verificarmos quais foram as opções profissionais dessas jovens que se formaram dentro de um momento conflituoso como os anos 60 e o que levaram de “bagagem”, em suas vidas.

⁷⁴ Entrevista de uma ex-aluna do Colégio Nossa Senhora que se formou normalista na década de 60. 02\Maio\2000

CAPÍTULO III

PROFESSORA: UMA “SAÍDA” PROFISSIONAL ? QUESTÕES SOBRE GÊNERO EM NOSSA SOCIEDADE

“Eu tenho que ser minha amiga, senão não aguento a solidão. Quando estou sozinha procuro não pensar porque tenho medo de de repente pensar uma coisa nova de mais para mim mesma”
(Clarice Lispector).

Gostaríamos de expor como eixo central deste capítulo a questão da profissionalização feminina nos anos 60, para aquelas mulheres que estudaram no colégio Nossa Senhora de Uberlândia. Acreditamos ser pertinente também, verificarmos quais foram suas opções de vida, já sabendo que se tratou de um universo restrito para a mulher, no que diz respeito a sua participação na esfera pública. Porém, veremos que a sala de aula foi, na maioria dos casos, o caminho mais rápido e socialmente mais bem aceito para que essas mulheres pudessem diversificar o seu papel de “mãe-esposa”.

Como já foi mencionado nos capítulos anteriores, as alunas do Colégio Nossa Senhora eram muito bem preparadas para reafirmar o papel de “mulher” dentro da sociedade, principalmente se tratando de uma cidade, que embora progressista, não estendia a modernidade até o campo feminino, uma vez que os dogmas morais e religiosos não permitiam tal afrouxamento. Mesmo já em fins da década de 60 a imprensa ainda deixava espaço para a formação de uma mentalidade ligada ao que era considerado “obrigação feminina”:

*“O melhor presente para Esposa ou Noiva, é o curso doméstico, a academia FREIT-SOR prepara a mulher para o lar e para a sociedade. Corte, alta costura, bordados, flores, arte culinária, decoração de bolos, economia doméstica e etiqueta social. Academia FREIT-SOR, Av João Pinheiro nº 600.”*⁷⁵

Assim como esta propaganda explicitava a função da mulher na sociedade vários foram os anúncios encontrados no mesmo jornal que também deixava claro a “obrigação masculina”:

*“Se acham abertas vagas, a candidatos do sexo masculino, portadores de diplomas de técnico em Contabilidade ou de contador. Interessados: Procurar CASENG de Uberlândia”*⁷⁶

O anúncio, ao especificar o sexo desejado pela empresa nos confirma a condição do homem como provedor da família, além de mostrar que para se obter uma boa colocação no mercado era necessário que o homem tivesse uma formação técnica ou superior, devido a isso os rapazes se preocupavam muito mais em continuar os estudos, após o curso médio do que as moças. Assim, Vera Puga nos afirma:

*“(...) o homem devia ter uma renda mensal para a manutenção do lar e , para isso, necessariamente, deveria estar em uma idade que o habilitasse a um trabalho rendoso. Alguns só se casavam após se formarem como “médico, engenheiro ou advogado” para que pudessem exercer uma profissão e com ela serem capazes de sustentar a família”*⁷⁷

⁷⁵ **Cursos Domésticos.** Correio de Uberlândia, Ano XXII, Nº 8010, 05\Jan\69, p.06.

⁷⁶ Correio de Uberlândia. Ano XXII, Nº 8010, 05\Jan\69, p.06.

⁷⁷ Idem, p.17.

Podemos considerar que o Colégio Nossa Senhora preparava suas alunas para que estas possuissem duas profissões : *professoras primárias* - esta sem muita procura por essas jovens - e *donas de casas* mesmo se tratando de moças da classe alta, deveriam conhecer a rotina doméstica de uma casa para poder administra-la.

A profissão do lar, poderá ser bem discutida se tratarmos do casamento, no que se refere ao seu imaginário fundador, uma vez que depois de casados a rotina era praticamente a mesma para todos os casais e o contrato era essencialmente dito “para sempre”. Muito embora já houvesse separações, os desviantes pagavam o preço por sua decisão através da rejeição e do isolamento social. O casamento, enquanto instituição, era tão forte que :

“As estatísticas nos mostravam que nos anos 60, entre aqueles que se casaram, nas cidades de Araguari e Uberlândia (Triângulo Mineiro) , apenas 10% se separavam. Só 10% diriam vocês ?. Foi uma cifra altamente elevada se pensarmos na pressão exercida por essas sociedades. O mais incrível é presenciarmos que mesmo se separado em pequenos número, esses que se desquitaram viviam em média de 1 a 15 anos juntos antes da difícil decisão” ⁷⁸.

Colaborando para que esse número de separações fosse cada vez menor, as irmãs do colégio Nossa Senhora possuíam uma opinião formada a respeito das várias etapas que culminavam no matrimônio, como podemos perceber através das

⁷⁸ Sousa, Vera Lúcia Puga. Projetos de vida e Profissões nos anos 60. Boletim Informativo - Centro de Documentação e Pesquisas em História da Universidade Federal de Uberlândia, Nº 3, Ano 2, 1º semestre\94.

falas de ex-alunas: *“Namoro: moça de família impõe limites; Noivado: compromisso sério e responsável; Casamento: para sempre.”*⁷⁹ Ou ainda:

*“As irmãs contava como é que deveria ser o comportamento de uma moça no relacionamento com um rapaz, que a moça não podia ser fácil, ainda brincava com a gente, beijar um moço antes de casar, horror, mas é lógico que você tem que pegar na mão, com a presença do pai ou mãe, coisa e tal, mas ninguém fazia isso, todo mundo fazia escondido. A educação era essa, você vê que era um verniz completo, uma aparência”*⁸⁰

Além desses conselhos “úteis para o casamento” as irmãs incetivavam a confecção dos enxovais, orientavam principalmente as internas, sobre alguns afazeres de uma boa dona de casa:

*“... Aos sábados, após o recreio do almoço elas vão para os dormitórios para a limpeza particular. A irmã as acompanha e ensina-lhes o seguinte: 1º) A trocarem a roupa de cama, procurando que este trabalho seja feito com perfeição. (são virados os colchões). 2º) Põem ordem nos criados mudos: tirando o pó; verificando se na gaveta os lenços estão bem dobrados; a saboneteria e os pentes estão limpos; as escovas de dentes, roupa, unha e pentes estão em seus lugares; os sapatos estão engraxados: os chinelos no lugar...”*⁸¹

⁷⁹ Entrevista de uma ex-aluna do Colégio Nossa Senhora que se formou normalista na década de 60, 14\Fev.\2000.

⁸⁰ Entrevista de uma ex-aluna do Colégio Nossa Senhora que se formou normalista na década de 60, 02\Maio\2000

⁸¹ Normas do internato. Atribuições da Mestra de disciplina, p.05.

Com toda essa preparação, as moças saiam do colégio como perfeitas profissionais do lar. Aquelas que se casaram logo após o término do curso normal foram se dedicar somente a constituição de uma família, já as outras que queriam fazer uma faculdade, optaram por se casar ao findar o curso superior. As escolhas não eram muitas para se fazer faculdade em Uberlândia nessa época, considerando especificamente as moças, era restrito à faculdade de Filosofia, Ciência e Letras ou Direito.

O curso de Direito, alvo de um certo preconceito quanto a formação feminina, embora tolerado pela sociedade, não era um curso muito requisitado pelas mulheres. No entanto, no ano de 1960, um anúncio no “O Correio de Uberlândia” nos salta aos olhos, pela sua singularidade, pois o mesmo oferecia os serviços de uma advogada, recém chegada de Ituiutaba/MG, à cidade⁸². Porém, esses casos foram raros, pois a maioria se via obrigada, às vezes por pressão da família e\ou da própria sociedade, a ingressarem em cursos superiores ligados ao magistério.

A melhor opção de trabalho para uma moça de família era ser professora, como nos diz uma ex-aluna:

“Em primeiro lugar a gente era criada para casar, em primeira mão. A gente era criada para casar, moça que não casasse, coitadinha, era tia, solteirona. Você era preparada para isso e em segundo lugar a única profissão cabível para uma mulher naquela época era ser professora, era uma profissão que não denegria a imagem da mulher. Uma outra

⁸² Correio de Uberlândia. Ano XXIII, Nº 9010, 09\Julho\60, p. 01.

*coisa não era permitida, eu me lembro que eu quiz trabalhar no banco uma época, e meu pai falou: não, isso não pode, onde se viu moça de família trabalhar em banco. ”*⁸³

Sendo assim, o Colégio Nossa Senhora além de preparar para profissão de “mãe-esposa” também fornecia a profissão de professora através da conclusão do curso normal. Com isso poderemos imaginar que se tratando de moças ricas, essas não se habilitariam para dar aulas no primário, todas as ex-alunas concordam que aprenderam a dar aulas de 1º a 4º séries, porém foram poucas as que praticaram tal profissão, não esquecendo que a prática em sala de aula exigida pelo curso era mínima:

“Na verdade o curso normal formava para profissão, mas para professor de curso primário da época, esse mercado é limitado, então quem não estava pensando nesse mercado, o que estava fazendo lá? E eu era um caso específico, pra quem pretendia terminar e não estudar mais eu acredito que talvez ele possa ter criado uma certa profissionalização porque ele ensinava muito como lidar com a criança nessa faixa etária, que é dos 6 anos aos 10 anos. Então para mim era pouco, pois eu queria estar na universidade e pra isso ele oferecia muito pouco, porque essa é uma profissionalização muito restrita. É entender o normal como se fosse a reta final. Então, talvez por isso ele levou a pecha de “espera marido”

84

Assim, nós percebemos o motivo pelo qual todas as nossas entrevistadas

⁸³ Entrevista de uma ex-aluna do Colégio Nossa Senhora que se formou normalista na década de 60. 02/Maio/2000

⁸⁴ Entrevista de uma ex-aluna do Colégio Nossa Senhora que se formou normalista na década de 60. 24/Março/2000

fizeram um curso superior. Algumas não o fizeram de imediato, mas hoje são todas graduadas. Cedo ou um pouco mais tarde, todas se casaram, tiveram filhos, e seguiram algum tipo de profissão. Além da maioria professoras, nós descobrimos casos de outras profissões como estilista e assessora política.

Todas, trouxeram à tona as dificuldades que a mulher enfrentou para a consolidação do seu espaço no mercado de trabalho, pois além de gerenciar a casa, a vida dos filhos, cuidar do marido, elas possuíram profissões para levar adiante.

Justificando tais “escolhas” profissionais devido a falta de opções e/ou mesmo pela prévia demarcação dos espaços de *mulher* e *homem* dentro da sociedade, percebemos a educação de cunho religioso como uma grande aliada no atraso das conquistas femininas em nossa região, uma vez que o movimento feminista muito trabalhou durante os anos 60 para que a mulher ocupasse um espaço cada vez maior na sociedade brasileira.

“É claro que se nem todas as mundanças positivas e negativas devem ser atribuídas a ele, por outro lado, também não se pode simplesmente ignorar um movimento social, político e intelectual que teve um profundo impacto na sociedade brasileira e no mundo de modo geral. Ao lado de outros movimentos sociais dos anos 60 e 70, como o movimento negro, especialmente o norte-americano, o feminismo adquire uma enorme importância ao questionar a organização sexual, social, política, econômica e cultural de um mundo profundamente hierárquico, autoritário.

masculino, branco e excludente”⁸⁵

Este modelo de sociedade ocidental foi plenamente assimilado e se fazia ainda mais forte antes do movimento feminista. A necessidade de se rever a história se fez necessário a partir do momento em que as mulheres passaram a reivindicar o seu espaço, onde a sua própria história sempre foi escrita, pensada e construída através dos olhos masculinos. Graças ao Feminismo e à Academia, nós percebemos um alargamento na produção científica, que inicialmente se propunha ao estudo do universo da mulher e depois às relações entre os sexos, incluindo aqui o “novo” conceito surgido nos anos 80\90, o de gênero.

Até os anos 60 existiu dois tipos de feministas : As feministas libertárias, que já questionavam a essência “homem\mulher” e eram ligadas ao movimento anarquista, portanto se recusavam a qualquer negociação com as intuições burguesas. As outras, foram as feministas liberais, representantes da elite e camada média da sociedade lutavam por questões como o fim do analfabetismo feminino e o direito ao voto, porém reafirmavam a velha imagem da mulher:

“As feministas liberais consideravam-se responsáveis pela orientação das formas de conduta da mulher moderna pela indicação do vestuário, pela organização dos gestos, do modo de se comportar, inclusive dentro do lar. Tentando criar a “mulher moderna”, incluíam na revista inúmeros artigos que discutiam desde um novo conceito de feminilidade, até a maneira correta de se relacionar com

⁸⁵ RAGO, Margareth. Adeus ao Feminismo? Feminismo e Pós Modernidade no Brasil. In: Cadernos AEL., Unicamp, Campinas, SP, Nº 3\4, 1995-1996, p. 12.

estranhos ou de agradar o marido nas horas certas”⁸⁶.

A união de modernidade feminina e antiga função do lar sempre esteve presente na imprensa uberlandense durante a década de 60, mesmo que as mulheres olhassem mais o lado doméstico dos artigos, não esquecendo ainda que se tratava de assuntos relacionados à classe alta:

“Ainda há muita gente que nesta altura do século XX não se conforma com a igualdade de direitos dos sexos e que fica quase indignada quando vê por exemplo uma dama ostentando a sua elegância no volante de uma carro. Ainda não há muito tempo ouvi um dizer que os homens permanecem durante a dia nos consultórios, nos escritórios de advocacia, de comércio, de indústria, etc, enquanto as mulheres giram pelas ruas queimando gasolina. Quem diz isto é porque não observa convenientemente a organização social dos nossos dias. É possível que a esposa de um médico esteja transitando pela cidade no momento em que o marido examina um enfermo no exercício de sua profissão, mas não é muito certo que essa senhora esteja gastando inutilmente o combustível: estará conduzindo os filhos para a escola, estará fazendo compras, estará buscando a correspondência do correio, estará de ida ou de volta ao mercado para aquisição dos gêneros necessários à alimentação do lar, tarefas em que o tempo precioso do homem não pode ser empregado até porque ele quase sempre é menos habilitado para desempenhá-las.”⁸⁷

Como podemos perceber, o discurso de mulher-mãe-esposa continua forte,

⁸⁶ Idem, p. 72

⁸⁷ Os direitos femininos. Correio de Uberlândia, Ano XXIII, Nº 10868, 24\Junho\69, p.07.

porém com uma pitada de modernismo, uma vez que o ato de dirigir um veículo só fazia parte do mundo masculino, assumindo agora, também a mulher, devido a necessidade de manter o marido com o mínimo de aborrecimentos possíveis e nenhuma tarefa considerada doméstica. Assim, a mulher entra na esfera pública sem deixar o lar.

Esse tipo de papel feminino caminhava junto com o modelo de “mulher higiênica” promovido pela classe médica. Segundo Rago este modelo era questionado radicalmente nos anos 60 principalmente pelas novas feministas que já existiam nos grandes centros urbanos. Tratava-se de mulheres da classe média e intelectualizadas que começavam a defender as questões do “amor livre”, do direito à “maternidade voluntária”, do divórcio e do aborto. Esse período (fins de 60, início de 70) foi marcado por muitas transformações impulsionadas pela industrialização e modernização acelerada levando a mulher até o mercado de trabalho. A família começa a sofrer neste momento uma profunda transformação, ocasionando múltiplas reivindicações femininas.

“fora do feminismo, mas também influenciadas por ele, surgiam revistas destinadas a um público feminino mais amplo, como as revistas Nova e Mais, inspiradas nos padrões jornalísticos norte-americanos, que propunham novas linguagens em relação ao corpo e à sexualidade da mulher e uma reflexão que, embora construída nos marcos de um pensamento pouco contestador, avançaram a discussão de assuntos considerados tabus, como o sexo e orgasmo

feminino”⁸⁸.

Já no ano de 1966 Uberlândia possuía em suas bancas de revistas exemplares com características comuns às citadas acima, embora não se tratasse efetivamente dessas duas revistas. Porém a repulsa a elas foi imediata, uma vez que as autoridades se escandalizavam até mesmo com o uso da mini-saia (Anexo V), estes assuntos sobre sexualidade em revistas, foi condenado e o preconceito legitimado através do jornal Correio de Uberlândia:

*“De uns temos para cá, certas revistas semanais ou mensais, no afã de aumentarem suas vendas e penetração junto ao público, deram para publicar pesquisas, inquéritos, “ibopes” sobre sexo, comportamento sexual de solteiros, de casados-enfim, assuntos chocantes e de alto impacto desde logo é preciso notar que não se trata de quebrar “tabus”, de desfazer falsas impressões ou de derrubar mitos. O que essas publicações pretendem no fundo, é superar concorrentes, é abrir novos mercados, especialmente, junto às camadas mais jovens da população.”*⁸⁹

Apesar de constataremos este “atraso” no que diz respeito às questões femininas em Uberlândia, o movimento, em nível nacional, apartir de 70 só fez fortalecer e incorporar novas questões, como por exemplo, o conceito relacional de gênero. Esta nova categoria de análise tentava desvincular a idéia de trabalhar com a questão da mulher isoladamente na sociedade. É necessário contextualiza-la e não só fazer a história colocando a mulher como heroína, sofredora ou dependente.

⁸⁸ Ibidem, p. 72

⁸⁹ **Pesquisas sobre sexo.** Correio de Uberlândia, Ano XXIX, Nº 10324, 2 e 3\Nov.\66, p. 03.

Essas, são construções históricas que colocaram o homem como um ser superior em detrimento da mulher. São ideologias formadoras de homens e mulheres que devem ser analisadas, não tentando colocar uma igualdade para todos e sim tentando trabalhar com as diferenças pois gênero é relacional, não só entre homens e mulheres, mas entre homens\homens, e mulheres\mulheres, pois são partes inter-relacionadas e cada qual não tem existência ou significado sem a outra. Assim, segundo Scott,

*“nós deveríamos nos interessar pela história tanto dos homens como das mulheres e que não deveríamos trabalhar somente sobre o sexo oprimido, assim como um historiador das classes não pode fixar seu olhar apenas sobre os camponeses. Nosso objetivo é compreender a importância dos sexos dos grupos de gênero no passado histórico. Nosso objetivo é descobrir o alcance dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas diferentes sociedades e períodos, é encontrar qual era o seu sentido e como eles funcionavam para manter a ordem social e para mudá-la.”*⁹⁰

O que fundamenta as relações de gênero é a questão do poder. Histórica e culturalmente foi construído o poder do homem sobre a mulher, e perceberemos em todas as relações, sejam elas macro ou micro, a presença do poder. Padrões e empregados, mães e filhos, maridos e esposas. São relações que fazem parte de uma hierarquia. Às mulheres é dado o poder privado, no lar e até pouco tempo não era preparada para se interessar por política, daí a sua pequena participação na esfera

⁹⁰ SCOTT, Joan Wallace. Gênero: **Uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade.** Porto Alegre, Jul\Dez. 1990, p.05.

pública. Tiremos como exemplo a Assembléia Legislativa de Minas Gerais.

*“Pela primeira vez na nossa história, a assembleia legislativa de Minas Gerais conta em seu seio representantes do sexo feminino na eleição de 7 de outubro do ano passado, saíram vitoriosas duas candidatas a deputado, uma das quais fez há poucos dias a sua estréia na tribuna com algum sucesso. O direito de as mulheres votarem e ser votadas é relativamente recente em nosso país. As brasileiras não têm grande vocação para a política. Parece que se comprazem mais com a tradição da vida doméstica (...)”*⁹¹

Este artigo sem assinatura, presente no jornal “Correio de Uberlândia” tentava noticiar um avanço feminino na sociedade sem esquecer de reafirmar qual seria a sua verdadeira vocação. Assim, se faz pertinente a colocação de Perrot:

*“A idéia de que a política não é assunto das mulheres, que aí elas não estão em seu lugar, permanece enraizada, até muito recentemente, nas opiniões dos dois sexos. Além disso, as mulheres tendem a depreciar a política, a valorizar o social e o informal, assim interiorizando as normas tradicionais. É uma vez mais, todo o problema do consentimento que aí se coloca.”*⁹²

Podemos perceber que Gênero não é uma questão biológica - que predispõe homens e mulheres a viverem como machos ou fêmeas- mas um conjunto de fatores

⁹¹ **Mulheres em Cena.** Correio de Uberlândia, Ano XXVI, Nº 9490, 27\Fev\63, p. 07.

⁹² PERROT, Michele. As Mulheres, o Poder, a História. In: **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, p. 184.

sociais, psicológicos e culturais que determinam os papéis sexistas. Nesse ponto fazemos uma crítica quanto a educação, considerando-a como uma das raízes das relações de gênero, pois a mulher age na esfera pública como se fosse cópia masculina e passa a reproduzir as ideologias da classe dominante, esquecendo de sua própria posição de excluída. Assim, transferem toda essa cultura para os filhos, sejam eles meninos ou meninas, reproduzindo papéis diferenciais para homens e mulheres.

A proposta do curso Normal enquanto preparador de moças para o magistério trabalhou efetivamente com a alfabetização e de uma certa forma, foi a professora primária a primeira, fora do âmbito familiar, a exercer um papel de influência cultural na criança. Assim, se a preparação das normalistas se fundamentava na reafirmação dos papéis masculinos e femininos, automaticamente a mesma teoria foi, em parte, assimilada por estes pequenos estudantes.

Durante a década de 60 o magistério foi visto como “relação de amor”. As disciplinas tentavam fazer da professora uma segunda mãe do aluno:

“(...) aprenderam também a ter do aluno uma imagem ideal - meninos e meninas saudáveis, tranquilos, limpos, bem vestidos; adolescentes tranquilos, meigos, receptivos aos ensinamentos do professor(a). Atrás deles uma família estruturada de acordo com os padrões imaginários: casais bem ajustados, efetivamente equilibrados, economicamente bem sucedidos; que dão aos filhos amor, assistência nos estudos e orientação moral. Esses são os alunos contruídos

*no imaginário da normalista ”.*⁹³

Porém, quando essas formandas se deparavam com a realidade, onde os alunos não correspondiam àquela imagem anteriormente construída, elas preferiram não exercer a profissão. Esta posição, na maioria das vezes, só poderia ser assumida por normalistas de escolas como o Colégio Nossa Senhora, onde as alunas possuíam um poder econômico elevado, dando-lhes a condição de prosseguir os estudos. As poucas moças que se aventuraram a dar aula sentiram também essa dificuldade:

*“Logo que terminei o curso normal comecei a dar aula. Senti certa dificuldade, eu sabia fazer uma plano de aula, mas nunca tinha entrado com um livro em sala de aula. Eu tinha que dominar os alunos. Eu sabia fazer um plano muito bom, mas faltou prática.”*⁹⁴

Assim, a melhor opção para essas moças foi transformarem-se em professoras universitárias ou mesmo seguirem outras carreiras, em sua maioria ligadas aos papéis femininos. Com os avanços das conquistas femininas, juntamente com o desenvolvimento da sociedade, percebemos nas ex-alunas do Colégio Nossa Senhora (mesmo possuindo toda a formação já mencionada) que suas opções de vida foram, além do casamento, construir certas mudanças que as levaria, de uma forma ou de outra, a participarem do espaço público:

⁹³ PEREIRA, Lúcia Ribeiro. **O fazer feminino do Magistério (tateando um objeto de pesquisa)**. In: Projeto História. São Paulo, Nº 11, p. 115-128, Nov\94. O campo da pesquisa da autora foram dois colégios religiosos do interior de Minas Gerais.

⁹⁴ Entrevista de uma ex-aluna do Colégio Nossa Senhora que se formou normalista na década de 60. 04\Maio\2000.

“Eu me lembro, um pouco depois dessa época, o Colégio Normal tinha muito disso de mentalidade e as pessoas que frequentavam os cursos também, de que mulher tinha que tomar banho para esperar o marido e eu me lembro que eu botei os meninos no catecismo e eles me falaram que não queriam ir mais e uma das razões, entre muitas, era isso: a mãe tinha que ficar em casa, tomar banho, vestir uma roupa limpa para esperar o marido e eles sempre conviveram comigo trabalhando e muitas vezes eu nem ia para casa jantar, porque eu já ficava direto na faculdade, eles tinham o pai e não a mãe. Então começou a ter uma porção de discussões de inversão de valores.”⁹⁵

A fala acima nos mostra que embora homens e mulheres estejam presos socialmente às normas que regem a interessante dinâmica de gênero, foi a mulher quem mais sofreu com a discriminação, ao tentar inverter as ordens sociais. Mas com isso percebemos que foi também essa mulher o grande sujeito das transformações nas relações sociais. O germe desse “movimento” esteve presente nos anos 60, mas sua luta é cotidiana e ainda não findou. A mulher deixou de ser apenas a mãe-esposa ideal para adentrar no mercado de trabalho, para ser respeitada enquanto sujeito capaz de evoluir com a sociedade. Mas sua luta não é apenas para se incorporar às mudanças, e sim para conquistar seu espaço rompendo com as barreiras impostas pelo seu *tão sonhado lar*.

⁹⁵ Entrevista de uma ex-aluna do Colégio Nossa Senhora que se formou normalista na década de 60. 17Março\2000.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos perceber ao longo do trabalho o quanto os papéis sexistas - homens e mulheres - mudou em meio a um tempo histórico consideravelmente curto. Dos anos 60 para a atualidade abriram-se as portas para um futuro, onde pelo menos, parece que as pessoas possuem uma liberdade maior. Os preconceitos ditos “fortes” (homossexualismo, aborto, separações conjugais, concubinatos...) já conseguiram ser, em parte, amenizados. Um dos fatores que mais influenciou essas transformação de valores foi a entrada da mulher no mercado de trabalho, fora do círculo familiar.

“Uberlândia - Cidade Progresso” lutava para um desenvolvimento político e econômico, porém tentava frear as mudanças sociais. A imprensa e escolas religiosas, como o Colégio Nossa Senhora, foram uns dos segmentos que mais legitimaram os princípios da moral burguesa baseados em discriminações e reafirmação das contruções dos diferenciados papéis masculinos e femininos. O curso normal, com uma clientela de moças ricas, se mostrou eficazmente capaz de preparar as futuras esposas e mães da classe alta uberlandense - esposas aptas para se apresentarem elegantemente frente a sociedade, onde a sexualidade possuía dois objetivos: a satisfação do marido e a reprodução, enquanto mães: dedicadas, deveriam passar estes mesmos dogmas para seus filhos.

Com a análise da documentação da escola ficou evidente a questão da disciplinarização das alunas. A inquietação maior das irmãs era a formação do caráter cristão de suas disciplinas. Com isso, acreditamos que a preocupação com a moral advinha da necessidade de aplacar o “demônio” que estava à solta na década de 60 e que não se encontrava apenas nas escolas mas em todos os lugares. Esse

demônio era a crítica aos dogmas tradicionais, a ânsia pela liberdade e o medo do comunismo.

As irmãs, por meio da repressão cotidiana, perpetuaram uma determinada linguagem social, única, na qual a subjetividade de cada aluna se perdia em meio a um mar de regras que as faziam subservientes de horários, que as faziam calar, rezar, que formavam personalidades tementes à Deus e às regras sociais.

Os corredores do colégio Nossa Senhora conseguiram ultrapassar os muros da própria escola, uma vez que enquanto instituição normatizadora, ditou condutas, modelou papéis, preparou suas alunas para assumirem o lar, o futuro marido e filhos.

Para o sucesso dessa prática pedagógica se fez necessário *vigiar* o tempo inteiro, todos os instantes, todos os minutos. O *olho* observador estava presente em todos os lugares, disseminado na forma da construção, nos espaços hierárquicos, nos silêncios espreitadores. Realmente as paredes pareciam possuir ouvidos ... e olhos também.

Quando analisamos os jornais percebemos que a sociedade e o colégio caminharam juntos na “padronização” das pessoas onde a “repressão”, acreditamos, serviu apenas para se tentar perpetuar um modelo de mulher, pois possuíam como objetivo a legitimação do poder intuitivo, sendo, até então, o homem seu único agente, com possibilidade de atuação.

Esse “padrão” já não mais correspondia aos anseios da maioria dessas mulheres, sendo violentadas a todo momento na sua individualidade, acabaram pedindo por uma nova lógica, na qual pudessem se tornar *sujeitos da ação*. Com isso, muitas mulheres procuraram o curso normal para sua profissionalização, uma

das poucas aceitas pela sociedade, não esquecendo que a preocupação em se casar, ser mãe não foi abandonada. Mas também procuraram se graduar, mesmo que em sua maioria tenham reforçado a profissão feminina de “professorinha”. Esse primeiro grito de liberdade não foi um rompimento total com a sociedade tradicional, com o padrão social e moral no qual foram criadas e sim uma reelaboração dos antigos preceitos.

Assim, o curso normal seguido de uma formação universitária, também docente, foi o único caminho encontrado para a inserção da mulher no cenário econômico e mesmo político. Com sua profissionalização as mulheres começaram a ver possibilidades de ampliar seu horizonte para além do ambiente doméstico.

Com essa “saída” percebemos que a sociedade começava a se transformar e assuntos que antes eram totalmente proibidos começaram a ser discutidos. Questões como o homossexualismo, o divórcio, as mães solteiras não deixaram de ser tabus, mas pelo menos começaram a serem discutidos, e a inserção da mulher no espaço público dá um novo sabor aos debates.

Mas os preconceitos não cessaram. Mostra disso era que a única profissão permitida às mulheres era a de professora. No entanto a trajetória das nossas entrevistadas nos mostrou que elas não se limitaram ao curso normal ou mesmo à faculdade de licenciatura, pois, a todo momento de suas vidas procuram se aperfeiçoar na arte de ensinar, visando novos horizontes, outras cidades. Não esquecendo as entrevistadas que decidiram por outras opções no decorrer de suas vidas.

Percebemos que nenhuma de nossas entrevistadas abdicaram do casamento,

da possibilidade de ser mãe, no entanto procuram levar sua vida de uma forma mais aberta. Isso não implica em dizer que deixaram de lado toda a educação religiosa que receberam e sim que conseguiram reelaborar esses ensinamentos, construindo ao longo dos anos sua própria história.

Acreditamos que esse avanço não seria possível se não fosse a efervescência do movimento feminista muito atuante na década de 60, não esquecendo que esse período foi também turbulento na política e na economia, não só no Brasil como também no resto do mundo.

É então, nesse momento, que as mulheres pedem para suas vidas muito mais que um lar “cor de rosa”, querem a participação no espaço público, na política. A sua inserção no mercado de trabalho não significa apenas uma ampliação no seu universo de atuação mas também uma certa liberdade econômica em relação ao seu marido. Assim, as mulheres já se mostram como um sujeito participante de seu meio, com capacidade para transforma-lo, construindo para si um novo papel, que não os ditados pela Igreja, pela sociedade.

Percebemos que as alunas do curso normal da década de 60, posteriormente, viveram momentos de intensa transformações, onde muitas das vezes não sabiam por onde caminhar. Foi nesse mesmo momento que houve uma completa transformação dos conceitos de família, moral, quem realmente podia pertencer ao mercado de trabalho. Todas, sem exceção viveram momentos de crise e tocaram no tênue limite do bem e do mal possibilitando uma visão do que é pecado ou não. Carregaram consigo o pesado fardo da transformação mesclados aos fortes momentos de repressão que sofreram na sua adolescência. No entanto, dessa mistura surgiu

uma realidade cotidiana completamente nova.

Percebemos que nossas entrevistadas conseguiram, todas, de uma forma singular, romper com os papéis já determinados de homem e mulher, construindo uma nova dinâmica social. Nesse *novo* está presente relações nas quais não existe um homem como peça central, mas sim um diálogo. E foi em meio a esse diálogo que os novos padrões sociais se fizeram, uma vez que, “padrões” nunca deixaram de existir.

Devemos considerar que a maior mudança foi o “espaço” para os questionamentos sobre o gênero, seja através da imprensa, da academia, dos sindicatos, de associações de bairros ou mesmo dentro dos lares. Porém, compreendemos que apesar desse avanço, muito ainda há de se fazer, - passagem da teoria para a prática - uma vez que continuamos presos a um sistema formador de conceitos e preconceitos tanto para mulheres como para homens.

Apesar de estarmos em um momento em que as discussões incidem sobre a desconstrução dos “determinismos” que até então têm limitado as funções masculinas e femininas, entendemos que a cultura tradicional ainda vem amparar algumas atitudes preconceituosas em relação a essa questão destruindo as relações entre brancos e negros, ricos e pobres, orientais e ocidentais, heterossexuais e homossexuais, mulheres e homens.

As normalistas de 60 nos mostraram que sempre há condições de transformações, uma vez que, conseguiram colocar novos elementos para se pensar as relações de submissão e conseguiram inserir-se em espaços que antes lhes eram negado.

FONTES

A - DOCUMENTOS OFICIAIS DO COLÉGIO NOSSA SENHORA

- Avisos Gerais.
- Circular Nº 1\68 (Informes aos pais das alunas dos cursos Normal e Ginásial).
- Estatutos do Instituto Social de Instrução e Caridade.
- Horários do curso Normal.
- Estudos e Informações Educacionais - Dedicado à “Semana da Normalista”.
- Histórico do Colégio Nossa Senhora.
- Listagem de formandas do curso Normal (1960 - 1970).
- Modelo de uniformes para o Ginásio e Normal.
- Normas para o externato.
- Normas para o internato.
- Normas para o desfile cívico.
- Recenseamento geral de 1º\Setembro\1940.
- Regimento interno.

B - JORNAIS

- CORREIO DE UBERLÂNDIA - 1960 a 1969 - Uberlândia\MG. (Arquivo Público Municipal de Uberlândia).

C - ORAIS

- Entrevistas.

BIBLIOGRAFIA

- BOSCHI, Renato Raul. 1945-1964: A elite Industrial e o projeto de industrialização autônoma. In: **ELITES INDUSTRIAIS E DEMOCRACIA**. (Trad. Patrick Burglin) Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- BUFFA, Ester e NOSELLA, Paolo. **SHOLA MATER: A antiga Escola Normal de São Carlos, 1911-1933**. Tese, mimeo, 1994.
- CHAUÍ, Marilena. **REPRESSÃO SEXUAL ESSA NOSSA (DES) CONHECIDA**. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- DONZELOT, Jacques. **A POLÍCIA DAS FAMÍLIAS**. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1980.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **EDUCAÇÃO NO BRASIL ANOS 60. O Pacto do Silêncio**. São Paulo. Edições Loyola, 1985.
- FOUCAULT, Michel. **HISTÓRIA DA SEXUALIDADE. A Vontade de Saber, Vol 1.**, Rio de Janeiro, Graal, 1985.
- _____. **VIGIAR E PUNIR. História da Violência nas Prisões**. Petrópolis, Vozes, 1998.
- GOMES, Ângela Maria de Castro. A construção do homem novo. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi e outros. **ESTADO NOVO: Ideologia e Poder**. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- HISTÓRIA E PERSPECTIVAS**. Revista do Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia. Nº 8 - Jan.\Jun. de 1993.
- LEOPOLDI, Maria Antonieta P. . Crescendo em meio à incerteza: a política econômica do governo JK (1956-60). In: GOMES, Ângela Maria de Castro (org.) e outros. **O BRASIL DE JK**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas\

CPDOC, 1991.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. **A DISCIPLINARIZAÇÃO DA POBREZA NO ESPAÇO URBANO BURGUEÊS: Assistência Social Institucionalizada - (Uberlândia - 1965 a 1980).** São Paulo: USP, 1980. (Dissertação de Mestrado).

HISTÓRIA ORAL: Uma co-produção responsável. Cadernos Espaço Feminino. Uberlândia: Gráfica da UFU, 3, Jan\Dez, 1996.

MENDONÇA, Sônia Regina de. “Estado e Economia no Pós-64. In: **ESTADO E ECONOMIA NO BRASIL: Opções de Desenvolvimento.** Rio de Janeiro, Graal, 1985.

NAGLE, Jorge. **EDUCAÇÃO E SOCIEDADE NA PRIMEIRA REPÚBLICA.** São Paulo: EPU, 1976.

NORA, Pierre, **ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A problemática dos lugares.** (trad. Yara Aun Khoury). In: Projeto História. São Paulo: Nº 10, Dez.\1993.

PEIXOTO, Fernando. **A “CAÇA ÀS BRUXAS” NOS ESTADOS UNIDOS EM 1947: Brecht Diante do “Comitê de Atividades Antiamericanas”.** Cultura Vozes, Nº 4, Julho\Agosto, 1997.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder: **O QUE É CONTRACULTURA.** 8º Ed., S.P., Brasiliense, 1992.

PERROT, Michelle. As mulheres, o Poder, a História. In: **OS ESCLUÍDOS DA HISTÓRIA: operários, mulheres e prisioneiros.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

PROJETO HISTÓRIA. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em

História e do Departamento de História. PUC, São Paulo, Nº 11, Nov.\94.

RAGO, Margareth. **ADEUS AO FEMINISMO? FEMINISMO E PÓS-MODERNIDADE NO BRASIL.** In: Cadernos AEL\Arquivo Edgard Leuenrot. Unicamp. Campinas, S.P., Nº 3\4, 1995-1996.

RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. **TRABALHO, ORDEM E PROGRESSO: Uma discussão sobre a trajetória da classe trabalhadora uberlandense. - O setor de serviço - 1924 -1964.** São Paulo: USP, 1989. (Dissertação de Mestrado).

SADER, Eder e GARCIA, M. Aurélio. "Do Populismo ao Militarismo". In: SADER, Eder. **UM RUMOR DE BOTAS. A militarização do Estado na América Latina.** Teoria e História. 11. Polis.

SCOTT, Joan Wallace. **GÊNERO: UMA CATEGORIA ÚTIL DE ANÁLISE HISTÓRICA.** Educação e Realidade. Porto Alegre, Jul.\Dez., 1990.

SOUSA, Vera Lúcia Puga. **ENTRE O BEM E O MAL (Educação e Sexualidade nos anos 60 - Triângulo Mineiro - 1960).** São Paulo: USP, 1991.

PROJETOS DE VIDA E PROFISÕES NOS ANOS 60. Boletim Informativo - Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia, Nº 3, Ano 2, 1º Semestre\94.

ANEXOS

ANEXO I

Arquivo do Colégio Nossa Senhora: *Horário do Curso Normal* 1967

1967						
2º SEMESTRE						
HORAS	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	SÁBADO
<u>1ª NORMAL "A"</u>						
7,00	Ed.Física	-	-	-	-	-
8,00	Português	Português	Inglês	Psicologia	Inglês	Did.Matem.
8,50	Francês	Did.Ciências	Did.Lingua.	Did.Matemática	Psicologia	Biologia
10,00	Psicologia	Religião	Francês	Sociologia	Did.Lingua.	Cult.Geral
10,45	Did.E.Soc.	Sociologia	Biologia	Inglês	Português	-
<u>1ª NORMAL "B"</u>						
7,00	-	-	Ed.Física	-	-	-
8,00	Francês	Did.Matem.	Did.Lingua.	Did.Matem.	Biologia	Inglês
8,50	Português	Sociologia	Português	Did.Ciências	Did.Lingua.	Cult.Geral
10,00	Biologia	Inglês	Inglês	Português	Psicologia	Religião
10,45	Psicologia	Psicologia	Francês	Sociologia	Did.E.Soc.	-
<u>2ª NORMAL "A"</u>						
7,00	-	-	-	Ed.Física	-	-
8,00	Did.Matemat.	Did.Ciências	Did.Matemat.	Inglês	Francês	Did.Ling.
8,50	Did.E.Sociais	Did.Lingua.	Biologia	Sociologia	Did.Ciências	Inglês
10,00	Francês	Sociologia	Português	Psicologia	Cult.Geral	Biologia
10,45	Português	Religião	Inglês	Português	Psicologia	-
<u>2ª NORMAL "B"</u>						
7,00	-	-	-	-	-	Ed.Física
8,00	Cult.Geral	Sociologia	Religião	Sociologia	Did.Ling.	Biologia
8,50	Did.Ciências	Psicologia	Did.Matemat.	Português	Francês	Did.Matem.
10,00	Português	Did.E.Soc.	Biologia	Inglês	Did.Cienc.	Inglês
10,45	Francês	Did.Ling.	Português	Psicologia	Inglês	-
<u>3ª NORMAL "A"</u>						
7,20	Did.Matem.	-	Did.Matemat.	-	-	-
8,00	Did.E.Soc.	Filosofia	Francês	Filosofia	Did.Cienc.	Estatística
8,50	Cult.Geral	Did.Matem.	Biologia	Psicologia	Biologia	Did.Ling.
10,00	Did.Cienc.	Did.Lingua.	Psicologia	Português	Did.E.Soc.	Português
10,45	Religião	Português	Did.Lingua.	Religião	Francês	-
<u>3ª NORMAL "B"</u>						
7,20	-	Did.Matemat.	Inglês	Did.Matemat.	Inglês	-
8,00	Did.Ciências	Did.Lingua.	Biologia	Did.Ciências	Biologia	Cult.Geral
8,50	Did.Matemat.	Did.E.Soc.	Francês	Filosofia	Religião(c)	Português
10,00	Did.E.Soc.	Psicologia	Did.Lingua.	Estatística	Francês	Did.Lingua.
10,45	Português	Filosofia	Psicologia	Português	Religião	-

ANEXO II

Arquivo do Colégio Nossa Senhora: Plano didático para a "Semana da Normalista"

Estudos e Informações Educacionais.

Plano Didático para a "SEMANA DA NORMALISTA"

Departamento de Educação - Serviço de Orientação Educacional
Secção de Orientação de Ensino Normal

Maria José Caldas Teixeira
Técnica de Educação

I - Data: - 12 a 17 de Outubro de 1964

II- Objetivos:

-- Promover uma campanha geral e intensificar o interesse das autoridades, das escolas e da comunidade com relação ao magno problema da formação e do aperfeiçoamento do magistério.

-- Levar a comunidade, através do rádio, da imprensa, da televisão, da indústria e do comércio, a valorizar e prestigiar a estudante de escola normal, reconhecendo seu grande papel de futura mostra e "líder social".

- Promover o engajamento da classe, propiciando à normalista mineira oportunidades para examinar e discutir problemas de sua carreira, desenvolvendo-lhe o senso da responsabilidade e a consciência de seu papel e seu valor dentro da comunidade.

III- Atividades previstas

Palestras

Conferências

Debates

Discussões

Mesas redondas

Assembléias

Seminários

Exposições de trabalhos artísticos

" de artes domésticas

" de material didático

Representações dramáticas e pantomimas
dramatizações
peças teatrais
jograis
grandes jogos cênicos.

Danças:

- clássicas (exibições individuais, ballet, etc.)
- modernas

Audições musicais

- clássicas
- modernas
- câoros e conjuntos vocais

Esportes:

desfiles

passentas

competições: jogos aplicáveis na escola primária,
competições brinquedos cantados, grandes jogos,
etc.

Concursos literários

Ensaio, estudos e pesquisas.

IV - Temas de palestras, conferências, debates, pesquisas, estudos,
mesas redondas, seminários, etc.

ANEXO III

Arquivo do Colégio Nossa Senhora: Normas para o Internato e Avisos

EEJAM LOUVADOS JESUS E MARIA!

PROSPETO

DO

COLÉGIO NOSSA SENHORA

CURSOS: INFANTIL, PRIMÁRIO, ADMISSÃO, GINASIAL, COLEGIAL E NORMAL

DIREÇÃO DAS MISSIONÁRIAS DE JESUS CRUCIFICADO - RELIGIOSAS BRASILEIRAS

BERRLANDIA-PRAÇA CORONEL CARNEIRO-11-Fone 1272

ESTUDOS SÉRIOS - DISCIPLINA SUASÓRIA-PROFESSORADO EFICIENTE-CURSOS OFICIAIS - DIPLOMAS E CERTIFICADOS OFICIAIS.

DISPOSIÇÕES GERAIS

As aulas começam em meados de fevereiro para os cursos Primário e de Admissão; em março para o Ginásial e Normal.

A data será fixada cada ano pela Diretoria do Estabelecimento.

VISITAS: - Aos Domingos, de 12 às 15 horas, as alunas poderão receber visitas dos Snrs. Pais e de pessoas por eles autorizadas. As alunas não poderão receber nenhuma visita durante o estudo e as aulas oficiais.

SALIDAS: - As alunas cujas notas de procedimento e aplicação aos estudos forem boas, terão direito a saídas aos domingos, de acordo com a autorização dos pais.

Exige-se a máxima pontualidade na entrada das alunas. A falta de comparecimento no dia e hora marcados, é obstáculo à saída seguinte. As alunas não poderão receber, nem enviar cartas, sem prévia autorização da Revda. Madre Diretora. As alunas não poderão conservar em seu poder objetos de valor, não se responsabilizando o Colégio pelos mesmos em casos de perdas. Não poderão ter livros, revistas, coleção de fotografias, estranhos ao ensino colegial.

CONTRIBUIÇÕES

A 1ª. prestação paga-se na entrada das aulas no início de fevereiro ou de março. A 2ª. prestação paga-se em 12 de agosto. Somente os contribuintes pontuais terão direito ao desconto estabelecido.

CURSO PRIMÁRIO

	1ª. prest.	2ª. prest.
Joia anual	cr\$ 200,00	
Pensão	cr\$3.000,00	cr\$3.000,00
Estudos	cr\$ 500,00	cr\$ 500,00
Lavanderia	cr\$ 300,00	cr\$ 300,00
Passajes	cr\$ 100,00	cr\$ 100,00
Vários	cr\$ 100,00	cr\$ 100,00
	cr\$4.300,00	cr\$4.000,00

CURSO SECUNDÁRIO

	1ª. prest.	2ª. prest.
Joia anual	cr\$ 300,00	
Pensão	cr\$3.000,00	cr\$3.000,00
Estudos	cr\$1.000,00	1.000,00
Lavanderia	cr\$ 300,00	300,00
Passajes	cr\$ 100,00	100,00
Vários	cr\$ 100,00	100,00
	cr\$4.800,00	4.500,00

DEPOSITO: - em conta corrente para fornecimentos - cr\$500,00

Estudo parte-piano, acordeon, violão (semestre) cr\$400,00

DIARIAS AVULSAS: - cr\$ 30,00

Desconto para duas ou mais Irmãs 5% somente sobre estudos e pensão. Para as outras não há desconto.

MEDICO E DENTISTA: - indicados pelos pais e sob a sua inteira responsabilidade nos pagamentos.

AVISOS

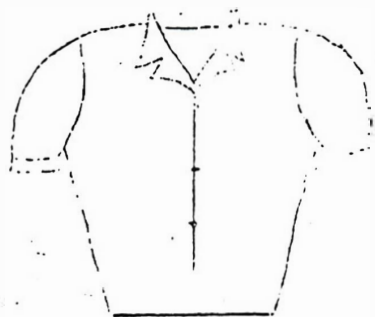
- 1 — As alunas deverão vir ao Colégio e nele permanecer com o uniforme completo:
 - a) saia azul-marinho (modelo anexo).
 - b) blusa branca, com distintivo (modelo anexo).
 - c) meias curtas, brancas (em dias de muito frio é permitido o uso de meias 3/4 ou compridas (brancas)).
 - d) casaco de frio azul-marinho, abotoado na frente, (modelo anexo).
As alunas que ainda tiverem o casaco adquirido no Colégio (de ziper) poderão usá-lo.
 - e) uniforme de ginástica.
 - f) pasta do Colégio.
 - g) sapato do modelo apresentado pelo Colégio, que poderá ser adquirido no Bazar Pedrosa.
 - h) tênis (que deverá ser usado somente durante as aulas de Educação Física).
 - i) no cabelo poderão usar fita azul-marinho ou preta, não podendo vir ao Colégio com cabelos presos com laços.Os artigos das letras a, b, c, d, e, poderão ser adquiridos na D. Zezé Cresara.
- 2 — As cadernetas serão colocadas sobre a carteira na 1.ª aula, não podendo assistir às aulas do dia as alunas que não a trouxeram.
- 3 — Não é permitido às alunas saídas da classe, durante as aulas.
- 4 — A aluna que chegar à sala de aula, depois do 2.º sinal, entrará em classe, porém ficará com falta na matéria.
- 5 — A aluna que, por indisciplina, for mandada fora da classe, receberá uma penalidade a critério do Conselho Escolar.
- 6 — Durante os recreios, as alunas devem descer para o pátio.
- 7 — As alunas devem permanecer em classe até o sinal de terminar a aula inclusive nos dias de prova.
- 8 — Não é permitido às alunas o uso de telefone.
- 9 — As provas bimestrais deverão ser feitas em folhas de papel almaço timbrado, nunca em folhas de caderno.
- 10 — As cadernetas, com as notas das provas bimestrais, serão entregues diretamente aos pais ou responsáveis, nas reuniões, que serão previamente convocadas pela Diretora, 4 vezes por ano.
- 11 — Pedimos aos Pais ou responsáveis que não mandem entregar no Colégio cadernos ou outros objetos esquecidos pela aluna em casa.
- 12 — Os regulamentos e as disciplinas serão dados pela Diretora da seguinte maneira:
 - com 3 regulamentos, a aluna receberá 1 indisciplina.
 - com 2 indisciplinas, a aluna terá uma suspensão de 3 dias.
 - com 2 suspensões, a aluna não será aceita no Colégio.Exemplos de faltas que merecem regulamentos:
 - a) desrespeitar os professores
 - b) sair do colégio antes do término das aulas
 - c) não estar com o uniforme completo
 - e) não atender aos avisos do Colégio
- 13 — As saídas, antes do término das aulas, por motivo justo, serão permitidas apenas 2 vezes por semestre.

COLEGIO NOSSA SENHORA
UBERLÂNDIA

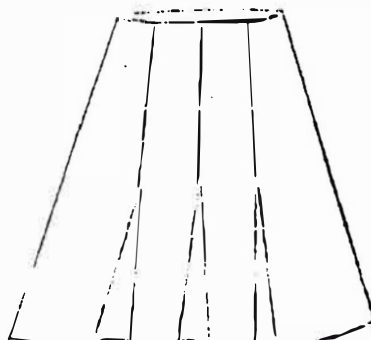
ANEXO IV

Arquivo do Colégio Nossa Senhora: *Modelo de uniformes*

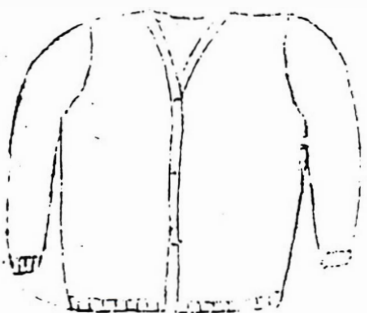
MODELO DE UNIFORME PARA O GINÁSIO E NORMAL



Blusa Branca



Saia azul-marinho

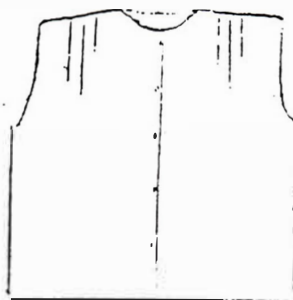


Blusa de malha azul-marinho

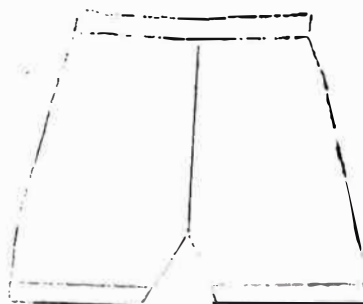
Meia branca



Sapato preto



Blusa branca



Short branco

NOTA: A saia do uniforme do Ginásio será igual a do Normal

O comprimento da saia é na curva da perna

A saia não tem cós

O uniforme de ginástica será branco, sem gola, sem mangas e sem bolso

O sapato é do mesmo modelo do ano passado

O uniforme diferente do modelo acima, não será aceito.

ANEXO V

“Juizado não gostou de moças de mini-saia”. *Correio de Uberlândia*. Ano XXX, Nº 10437, 21 e 22\Maio\67, p.01.

JUIZADO NÃO GOSTOU DE MOÇAS DE “MINI-SAIA”

Duas garotas estavam desfilando em plena avenida Afonso Pena com reduzíssimas “mini-saias”, num autêntico show que chamou a atenção de comissários do juizado de menores que entendeu de levar as moças ao fórum para explicações. Aí ficou descoberto que elas fugiram de suas residências em Goiânia e vieram dar sôpa em Uberlândia, saindo mal. As autoridades estão providenciando a volta das garotas para o local de origem.

PAES, Lycidio. “Saias curtas”. *Correio de Uberlândia*. Ano XXX, Nº 10441, 28\29\Maio\67, p. 04.

SAIAS CURTAS

Ou as fábricas de tecidos estão produzindo panos que encolhem excessivamente logo que são usados ou as pernas das mulheres estão crescendo depois de atingir a idade adulta. Vejo passar não só as moças como respeitáveis matronas, acompanhadas de filhas de 14, 16 e 18 anos exibindo ostensivamente rotundos joelhos que antes ficavam discretamente ocultos pelo comprimento da saia. Demais, vestir é uma arte que eu aprecio essencialmente no elemento feminino.